



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 47.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series.

BAHIA

5 DE FEVEREIRO DE 1869.

Ns. 465 e 466.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
4 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. inspector, da illumina-
ção publica, chamando sua attenção para
o estado da illuminação desde muito antes do
Forte de Santo Alberto, até S. Francisco de
Paula, em que não ha um só lampeão.

Uma rua solitaria como aquella, privada de
illuminação nas noites de eseuero, pode ani-
mar os malfeitoses, a qualquer attentado e
por isso, espera-se que S. S. tome em consi-
deração o que fica exposto.

—Bem disse V. Ex. que a festa de S. Gon-
çalo este anno era como nunca se fez.

—Então o Fausto brilhou?

—Incontestavelmente.

Quando a festividade não sobresahisse pela
pompa e magnificencia de que se revestiu,
bastava um só factio para realçal-a sobre
todas.

—Qual foi elle?

—A liberdade de duas meninas.

Celebrada a festa, duas innocentes crean-
ças, que tiveram a infelicidade de nascer
escravas, nesta terra livre, receberam das mãos
do digno vigario as cartas de sua emanci-
pção servil.

—Um bravo de coração ao Fausto!

Um fervoroso agradecimento aos que con-
correram para obra tão sublime!

—Solemnizou no dia 2 de fevereiro a im-
perial sociedade Monte-Pio dos Artistas o seu
16.º anniversario.

Depois da missa celebrada em acção de
graças á Nossa Senhora da Purificação, pa-
droeira da sociedade, seguiu-se a sessão
magna, a qual foi presidida, á pedido do pre-
sidente da sociedade, pelo Sr. Manuel Jero-
nymo Ferreira, por deixarem de comparecer
as authoridades da provincia.

O acto esteve muito concorrido.

Felicitaram a imperial sociedade Monte-
Pio, por suas commissões, as seguintes as-
sociações:—Monte-Pio da Bahia, Monte-Pio
dos Artifices, sociedade dos Desvalidos, Gre-
mio Litterario, phylarmonicas Terpsychore,
Campesina e Rossini.

O Sr. Bellarmino Barreto, socio honorario
do imperial Monte-Pio, agradeceu em nemo
delle ás commissões de felicitação em um
eloquente discurso que proferiu.

Encerrada a sessão magna, passou a ele-
ger os novos funcionarios para o conselho
administrativo.

—Estou sciente.

—O que foi isto?

—Pois não viu?

—Não.

—Estourou uma bomba nos peitos d'a-
quelle meoio.

—Coitadinho! Quanto sangue!

—Pôz-se a saltar perto do trancaffo de bombas na occasião de tocar Santos e o resultado é o que está vendo.

—Imprudencia de creança.

—Consequencia do deleixo dessas mães que eriam filhos na rua.

Agora levam-o á botica do Bacellar para cural-o.

—O Senhor do Bomfim, cuja festa celebra-se hoje em S. Domingos, permitta que não tenha nada.

—Capitão, ouço por ali dizer-se que esta terra é civilisada, mas eu não creio.

—E ninguem lhe pode obrigar.

—Vejo usos e costumes proprios somente de um povo inculto.

Não me dirá o que quer dizer andar um homem por esta cidade galopando á cavallo com um pobre moleque agarrado ao rabicho do cavallo?

—Eu mesmo não lhe sei responder.

—E' repugnante e ridiculo.

—E si praticassem isso lá nos matos, transeat, mas dentro da cidade!

—A ponte da companhia Bahiana, no Bomfim, está estragada.

—Estragadissima.

—E dahi pode resultar algum caso deploravel.

—Como ia resultando no dia da festa de S. Gonçalo. Um homem por poucas fica com uma perna de menos; despregou-se uma taboa e o homem mettu a perna pelo buraco.

—Entretanto parece que a companhia aufera lucros que a põe na contingencia de melhor servir ao publico.

—O que ha de novo?

—Que eu saiba é apenas que um sujeito quiz armar-se com um pouco de prata de S. Domingos.

O taful trabalhou de martello em uma banqueta e safou cousa de uma libra e tanto.

—E como penetrou na igreja?

—Estava armando a.

—Ah, é armador!

—Alem da prata levou uma colcha de damasco e meia caixa de vellas.

—A policia que se avonha com elle.

—Todos os dias clama-se das diabruras destes moleques tambores e elles a continuar!

—E a policia parece que soffre de entorpecimento nos membros; não se move.

—Agora brigam, e um do batalhão 110 dá em outro uma facada no braço.

—Cousa peor previ eu.

—Que diabo de alarma no 2.º andar desta casa n. 42.

—E' costume.

Esta casa é de Gonçalo, pode mais a galinha do que o gallo.

O homem ahĩ não bufa, a mulher é quem governa.

Agora mesmo corrige ella ao seu dono com uma dóse de supapadas por passar das horas na rua.

—Muito bem!

Si a *Bahia Illustrada* visse isto que se dá no Taboão, tinha mais um quadro para o mundo ás avessas.

—Não se dá maior deshumanidade!

Mandarem uma preta cega para o ganho!

—A infeliz leva todo santo dia a carregar agoa para ganhar a quantia marcada pelo senhor, se não quer á noite ver sua pelle coada.

—E nem hoje por ser dia de festa aqui no Bomfim, a miseranda tem descanso!

—Dizem que henve um espancamento?

—Não me consta.

—Que um portuguez, Domingos Martins da Silva, com venda ao Pilar, dexa no domingo, com uma tranca, em um escravo do Dr. F. Doria, fazendo-lhe perigosas contusões?

—Pode ser.

—E que preso n'um dia, no outro estava solto, com a unica obrigação de dar um tanto ao rapaz em quanto estivesse doente?

—E' o que não duvido.

—Em todo caso seria bom averiguar isso.

—Capitão, ás vezes quero me contra-fazer, mais não posso.

—Seu mal é fallar.

—Ha cousas em que não posso deixar de me entrometter, embora digam qu'eu nada tenho com isso.

—Não se alongue: vamos ao que tem a dizer.

—Eu é que queria que me dissessem.

—O que?

—Que necessidade havia de estafar-se os menores do arsenal de guerra, a tocar, domingo, no Bomfim, desde 5 horas da tarde até 5 e meia da madrugada seguinte.

—Emulação, e apostas.

—Quaes apostas nem meias apostas!

Porventura, creanças de natureza fragil, é

para se pôr a tocar uma noite sem descanso? Semelhante excesso não lhes prejudica a saúde?

—E' provavel.

—Então os menores do arsenal de guerra estão sem rei nem Roque?

Não ha quem os dirija?

Por que elles por velleidades de creanças quizeram se attestar com outra musica, e levar uma noite a porfia, era prudente que se consentisse?

Ora essa é boa!

—Eu não sei; o que lhe affianço é, que ha quem intreprate isso como prova de sollicitude e desvello na educação que recebem os menores.

—Pega aquelle larapio.

—Safa! O bruto é mais ligeiro que um veado. Metteu-se por uma moita de *salgueiros* e sumiu-se!

—E lá se foram os 126\$ rs. do Antonio!

—Tratante! Meia hora que ficou no talho foi ao bolso do homem e safou-lhe a carteira!

—Capitão, o rapina foi pegado na ladeira do Carmello; do dinheiro só tinha 89\$ rs., e mais evaporou-se.

—E porque não o trouxe aqui?

—Mas, si elle escondido por baixo do balcão de uma taverna, pedia pelo amor de Deus que o não prendessem?

—Com larapios não se tem contemplanções.

—Demais, o asylo do cidadão não é inviolavel e *augusto*?

—Por mais *augusto* que seja, quando nelle se acoutam ratoneiros como o *Pereira*, não ha condescendencia possivel.

—Então, com permissão de V. Ex., eu vou buscal-o e amarral-o ao tronco daquelle *salgueiro*, para que todos lhe vejam a caraça sem verniz.

—Capitão, eu sei que V. Ex. é amigo da causa da liberdade.

—De coração.

—Pois então quero contar-lhe uma historia para ver, si por seu intermedio chega ao conhecimento do Sr. Dr. chefe de policia.

—Pode fallar.

—Em 1866, a creoula escrava Alleluia, comprou um bilhete de loteria e teve a felicidade de tirar um premio, que pagos os direitos provinciaes, veio a lhe dar 750\$ rs. Immediatamente foi leval-os a seu senhor por conta de sua aformia, mas este recusou-se a recebê-los; e a escrava pediu-lhe permissão para recolher o dinheiro a um estabelecimento de credito encarregando a um parente de seu senhor de semelhante commissão.

Morre o senhor e esse parente è instituido testamenteiro do casal.

Alleluia recorre á generosidade publica e intéra o preço de sua liberdade.

O dinheiro do estabelecimento porem não

apparece, nem ha clareza de que elle la entrasse.

—E a escrava permanecerá talvez no captiveiro.

—Espoliada do que é seu, si a mão da auctoridade não si fizer sentir, desmaranhando essa meada.

—A sua reclamação parece justa, mas, a historia está um pouco obscura; é preciso que diga ao menos quem é o inventariante.

—O sujeito é um enjeo vindo de *Itaparica*.

—Bem; pode retirar-se que va se dar providencias.

—Sabe quem está á ferro!

—Não.

—O Contreiras.

—Mas porque?

—Por se fallar dos bailes pastoris.

—Como é susceptivel o rapaz!

Foi o unico que estomagou-se.

—Diz elle que é bem conhecido e pode ser até avaliado.

—Quem duvida?!

Ninguém mais o conhece, nem é mais competente para avalia-lo do que nós. Elle bem que o sabe.

—Eu entendo que si ha cousa que a policia devia exereer a mais severa vigilancia é sobre os taes bailes pastoris.

Quem é que não sabe que elles são uma eschola de depravação para a infancia?

Que ali desenvolve-se a sodomia, a crapula, e o despejo?

Dos bailes pastoris tem sahido muitos meninas deshonoradas, prostituídas.

—Uma sei eu que sahio com um filho nos quartos.

—Houve nada mais escandaloso do que um celebre presepe de que era director um padre de eterna memoria lá para *Sant'Anna*?

—Em baile pastoril o que ja vi de mais moralidade, foi o que aconteceu, ha dous annos, no do proprio Sr. Contreiras. Um socio que casou-se com uma pastora n'um dia e abandonou-a no outra.

—Ora, o Sr. Contreiras que va *abiscoitando* seus cobres e deixe se de arrufos.

O JOGO DO EMPURRA.

Sabem os nossos caros leitores o que é o jogo de empurra?

Pois nós lhe vamos contar.

E' um joguinho que se joga muito na nossa terra.

Vão por ali queixar-se a alguém de qual-quer cousa e encontrarão logo prompta a resposta: isso não é comigo. O superior desculpa-se com o subordinado que não campre as

suas ordens ou que informa inconvenientemente, mas contra cujas informações se não pode ir de frente; este desculpa-se com aquelle a quem compete a resolução definitiva.

Dá-se isto tanto no grande como no pequeno.

—Sr. minisrro, V. Ex. não nomeou o meu afilhado, como promettera.

—Que quer, meu bom amigo? As habilitações não podiam entrar em parallelo com as de outros pretendentes, e a opposição anda tão desenfreada... A opposição tambem ha de servir para alguma cousa.

O alfaiate não dá a casaca para a noite do baile. A culpa foi da costureira que adoeceu, ou a quem se quebrou a machina.

O sapateiro não aprompta as botas para o dia marcado. A culpa foi dos officiaes que não vieram trabalhar na segunda-feira.

Assim, a culpa é sempre da pessoa a que menos póde chegar o queixoso.

Na alfandega, ha uma porta que deita para uma rua e por onde costumam sahir as obras de ferro fundido. Atirados os caixões por alli fóra, como os carroceiros atiram feixes de capim ás portas dos freguezes, raro é aquelle em que o numero das peças quebradas não excede o das inteiras. A culpa é de uma rampa que alli ha e por onde os caixões escorregam que não ha ter mão nelles.

As caixas de passas e figos apparecem meio vazias. A culpa foi dos ratos que os comeram.

Falta o bule n'um aparelho de metal christoffe. Bem podem ter sido ainda os ratos. E quando a lesão é de natureza que nem ratos nem rampas a explicam, a culpa é da tarifa ou do regulamento. Queixem-se della.

Nos corpos collectivos quando o escrutinio é secreto ainda mais facil se torna a desculpa, e então a unica desforra possivel é a que em outros tempos um roceiro tomou de um cabido perante o qual tinha uma pretensão qualquer.

Tinha se elle dirigido previamente a todos os conegos, um por um, e todos elles um por um, lhe haviam dito que era justissimo o que pedia, e que contasse com o seu voto. No dia em que tinha de resolver-se o negocio, entendeu o homem que era do seu dever postar-se á porta da casa do cabido para logo á sahida agradecer aos bemfeitores.

Qual não foi porém; o seu espanto, quando o primeiro conego que sahio lhe disse antes de elle ter tido tempo de balbuciar o seu agradecimento: « Homem, eu bem quiz, mas o cabido! » Continuaram a sahir os conegos, e de cada um a que elle se dirigia perguntando

pelo seu negocio, obtinha a invariavel resposta seguida de um encolhimento de hombros: « Eu bem quiz, mas o cabido! »

Sahiu afinal o ultimo, e sem gastar palavras com esse, começou o roceiro amallar com um pau em cima d'elle. A culpa não foi minha, foi do cabido, gritava o bom do padre. Qual cabido nem meio cabido, retorquiu o outro, o cabido é Vme. Todos os que sahiram disseram-me que não tinham sido elles, mas o cabido; não falta mais nenhum, por tanto o cabido é Vme. mesmo. Tome. E continuou a desancal-o até que os sachristães e meninos do coro vieram tiralhe das mãos o cabido semi-morto.

Deus me livre de aconselhar procedimento tão violento contra as respeitaveis corporações dos nossos dias. Podiam dar-se estes actos de selvagem desforço em outros tempos, mas não agora que a civilisação ensinou a respeitar a solidariedade dos corpos collectivos e inviolabilidade do segredo do voto.

(Continúa.)

LA VAE VERSO.

MOTTE.

*Fiz a minha habitação
No jardim desse teu peito,
Com a minha propria mão
Eu plantei amor perfeito.*

GLOSA.

Ver teu rosto de condessa
E teus olhinhos de pomba,
Foi sentir como uma bomba
Arrebentar-me á cabeça.
Conheci que eras avessa
A' minha ardente paixão;
Mas desprezando a intenção
Com que de mim te afastavas,
Junto á casa em que moravas
Fiz a minha habitação.

Parece que nem me vias,
E eu sempre me mostrando,
Noite e dia biscotando
Quando a passeio sahias!
Quanto mais de mim fugias
Maior era o meu respeito;
E si deras por preceito
Ser flor para me ver amado,
Poderia ser plantado
No jardim desse teu peito.

Mas eras ingrata eufim,
E meu amor ia á garra,
Nem me valia a guitarra,
Nem o amante bandolim.
Quer assado, quer assim.

Não me davas attenção:
Um dia—foi traição—
Um freguez a barba veio
—Me espias-te—e eu cortei-o
Com a minha propria mão.

A final adoeceste,
E o Dr. dice—ventosas!
Me chamaram, viu—que prosas
Nesse dia me rendeste...
Cruéis sustos padeceste
Deseobrando o casto peito;
Porem com tamanho geito
Fiz a minha applicação,
Que em teu terno coração
Eu plantei amor perfeito.

Le barbier.

A PEDIDO

DISCURSO

Proferido pelo Sr. Bellarmino Barreto, socio honorario da imperial sociedade Monte-Pio dos Artistas, em agradecimento da mesma sociedade ás commissões que a felicitaram no dia do seu anniversario.

Senhores.

Ha annos que se instituiu nesta cidade a associação que tem hoje ao mesmo tempo a honra e o prazer de esentiar-vos e desde aquella epoca até hoje ainda se não passou um unico dos dias anniversarios de sua inauguração sem que procurasse ouvir a voz animadora das outras associações irmans, ou pela semelhança dos fins, ou pela cordialidade de seus desejos para com ella.

Não tem sido este costume mera cerimonia de delicadeza, porém uma necessidade imperiosa de nosso coração.

Vendo em redor de nós cahir e fenecer tantas empresas gigantescas, tantos projectos grandiosos, tantos planos solidos, levantados aqui por negociantes abastados que miravam lucros licitos bem que extraordinarios, tentados adiante pelas illustrações do paiz, que mais modestas na apparencia, porém realmente mais ambiciosas, fitavam a gloria, essa moeda mais difficil de obter-se e mais custosa de guardar-se, vendo a aristocracia do dinheiro e a aristocracia da sciencia, a riqueza e as letras, novos Remo e Romulo que disputam entre si a soberania do mundo, naufragar impotentes ante os escolhos terriveis (mais terriveis de certo do que Scylla e Carybdes, porque esmagam o valor e a astucia unidos) da inveja, da indifferença, talvez mais venenosa, da incredulidade, indifferença que desanima e inveja que calumnia,—que era muito que na obra humilde e espinhosa, que nos

tinhamos imposto, mais difficil ainda por mais obscura, sem fama e sem lucros—duplice eclipse do espirito e do coração—temesemos os inimigos perigosos de todas as associações, mares ferteis por seus naufragios?

Então precisavamos de ver-vos aqui reunidos em de redor de nós, ainda que não fosse senão uma unica vez no anno, para beber a constancia em vosso exemplo e receber de vossos labios experimentados na luta das difficuldades a animação que tão precisa nos era para os novos e incessantes labores do futuro.

Quantas vezes nesse dia solemne, em que memoramos os esforços e as fadigas de doze mezes de cruel e incessante trabalho, vossa presença aqui não foi o grito de alerta ao espirito desfallecido e ao coração entibiado?

Desanimar! Mas como era possivel que nós desanimassemos diante de tantas sociedades numerosas, que lutavam com os mesmos perigos e nas mesmas ondas? O naufrago lembra-se que foi marinheiro diante de uma vela amiga: rema, ou nada, mas não succumbe.

Ainda hoje estão no meio de nós tantas associações e sociedades, diversas pelos fins, a que se propõem, distinctas pelos cavalheiros que as dirigem, porém todas illustres principalmente pela constancia de sua sollicitade, pela firmeza de seus esforços.

É uma grande coisa uma associação: mixto entre a familia e a patria, menor do que esta, mais numerosa do que aquella, escolhe alguns dos que tem a mesma nacionalidade para dar-lhes um terno parentesco e fazel-os seus irmãos.

Qualquer que seja o centro onde se condenssem esses raios, o laço que liga tantos corações e tantos espiritos; uma associação é sempre uma coisa sublime, reunindo as duas grandes forças da natureza, o egoismo e a fraternidade, egoismo no fim distincto, fraternidade nos individuos confundidos.

O que era aspiração do homem, se torna aspiração da classe, ou antes desaparece o individuo e fica a humanidade: as associações são seus desejos, seus sentimentos, suas esperanças encarnadas, alguma coisa como as faculdades da alma vivendo por abstração.

O homem, como rosa entre espinhos, vive cercado por inimigos que o atacam por toda parte: a dor, a ignorancia, o abandono.

Para combatel-os, as associações fizeram-se (e o que representamos nós?) o prazer, a sciencia, a caridade.

Eis o que somos: o eu que se some diante da aspiração, do sentimento, da ideia: o instrumento faz-se orchestra, olivro bibliotheca,

o beneficio beneficencia, o doente hospital, a esmola, caridade.

Assim a associação faz-se aspiração, e esta, instituição e todas as nossas sociedades não são senão os instinctos da sociedade universal, que pedem realisação, que exigem ser satisfeitos.

Pão e prazeres—pede a creatura humana.

Grito eterno, necessidade incessante: uma é uma lei, a outra é um instincto: a lei do trabalho, o instincto da felicidade e as associações satisfazem essas exigencias imperiosas. essas necessidades implacaveis e accrescentam ainda o estudo, o livro, a um tempo pão e prazer, trabalho e felicidade.

O artista é o soldado do progresso: o pedreiro—quem o diria? inventou a patria, desde que edificou uma casa—a cidade creou o cidadão; o alfaiate assombroso mysterio! reergueu a dignidade da mulher; o vestido ercou o pudor e o pudor sanctificou a familia, garantindo a belleza do deplorar dos olhos; o que creou a primeira vela, o que fez a luz na terra, disse ao homem que essas noites sem somno podiam empregar-se em acender tambem essa outra luz do pensamento, que o genio torna incendio; o ferreiro creou a primeira espada, esse raio do braço, e a primeira pena, raio da alma não menos poderoso.

Tirai os artistas e o que será o mundo? A intelligencia precisa de seus typos, a gloria de suas lanças, a religião de suas estatuas, a belleza de seus adornos, a reunião dos povos de seus navios, as nações de seus braços, o progresso de seu trabalho.

Apezar d'isto tudo—de tanto beneficio á humanidade, de tanto louvor da philosophia —a sorte do artista era precaria como é a sorte do trabalho.

O Imperial Monte-Pio dos Artistas era pois uma necessidade como a fonte no deserto.

Fodavia não bastou creal-o, sua inauguração é um grande facto, mas não é tudo: o *fiat* do Genesis seria insensato, si Deus não houvesse creado a Natureza que restaura, e a Providencia que conserva.

Socios do Monte-Pio, vós que vedes hoje aqui tantas sociedades brillantes de robustez e de dedicação, não percais em admirações inúteis a energia de vossas almas: a admiração tambem impõe deveres.

Faça em vós o contagio do exemplo o que nelles tem feito o contagio da emulação: a mais santa das epidemias.

Elevai para o ceu vosso edificio; mais felizes do que os artistas de Babel, Deus não confundirá vossas linguas, assim o amor proprio não confunda vossos esforços.

E vós, senhores, que nos honrastes com

vossa presença, que nos animastes com vossa palavra, que nos edificastes com vosso exemplo, o Imperial Monte-Pio dos Artista vo-lo agradece, tres vezes vol-o agradece, do fundo do coração.

Ha epocas que não se esquecem: o dia 2 de fevereiro de 1869 será eternamente lembrado pelo Imperial Monte-Pio dos Artistas com saudades e reconhecimento.

Quanto a mim, desculpai-me ainda uma palavra—será a ultima: se esqueci que para fallar-vos era mister voz mais elevada e eloquente é por que fez mais peso em meu espirito a distincção da escolha, com que fui honrado, do que a difficuldade de corresponder-lhe: seria crime busca-la; desdenha-la não o seria? Entre a immodestia e a ingratição, que terieis regeitado?

Bahia 2 de fevereiro de 1869.

B. Barretto.

Diz o dentista d'America,
E affirmo que não mente,
Quenão sente a menor dor,
Quando nos tira algum dente.

O' que grande novidade
E' tirar dente *sem dôr!*
Limpe a mão á parede
Meu charo Sr. doutor!

—Sr. Antonio Espalha-m...., tenha modo, aquiete-se.

V. só encommoda a rua inteira!

—Deixe-me ensinar esta besta.

—Mas Sr., si tem sua cabeça fraca para que bebe tanto?

Isto são palavras que esteja a proferir?

Si o subdelegado da Rua do Paço passasse agora pelo Tabão, não fazia nada de mais si o mandasse cosinhar a bebedeira na casa de cachorro.

—De vez em quando apparecem boas cousas.

Agora é um Sr. Dr. que tira dentes *sem dôr.*

—E não ha quem seja capaz de negar isso.

—Ahi vou eu, porque sei que elle não sente a menor dôr quando tira dentes a qualquer.

Roga-se a todos os Srs. que recberam entradas para o baile pastoril, que teve logar no dia 19 de janeiro p. p., á ladeira do Carmo, n.º 40, o favor especial de irem á typographia de F. Guerra á negocio, que, interessando a suas reputações, e os mesmos Srs. não ignoram; certos de que, a foram civil e

trazida por que neste baile foram obsequiados todos os Srs. custou muito dinheiro; e bem veem, que foram despesas, que devem ser pagas.

—Constrange ver o estado em que se acha a capella de Santa Barbara, na cidade baixa!

—O que tem?

—Nada.

Está apenas toda arruinada, de forma que no consistorio já cahiu um pedaço do reboque, e estava ficando ao desprezo si não fosse alguns devotos que sobre si tomaram o cuidado em fazer a obra á sua custa, tendo este morgado tanto dinheiro e deixam a igreja na maior pobreza e abandono!

—Diz-se que só se lembram de Santa Barbara quando ronca trovoadas; aqui parece que nem assim.

Vê-se boas cousas!

Eneche-se as folhas com annuncios do Sr. Dr. Spyer, extrahindo dentes sem doer, ao passo que nos consta ter um dia d'estes estragado o queixo de um moço, e ao depois pedindo o Sr. Dr. para o dito moço lhe assignar um attestado, como não lhe doeu o dente, este se negou, dizendo que não assignava, por ter soffrido grande dor.

Viva a patria!

VARIÉDADES

UM BRASILEIRO EM PARIS.

Lê-se no n. 1793 do *Petit Journal* o seguinte facto:

«Um joven e rico brasileiro encontrou, no sabbado ultimo, no baile mascarado da *Opera* um dominó negro, que desde logo encantou-o pelo seu espirito brilhante, e que profundamente apaixonou-o, quando consentiu em descobrir o seu rosto arrebatador.

A dama revelou que era casada e que tivera a loucura de aproveitar-se da ausencia de seu marido para ver um baile mascarado da opera.

Apezar de suas instantes solicitações, o joven não pôde obter mais do que o favor de acompanhar a dama até a sua residencia situada no bairro de Saint-Germain, e teve de resignar-se á deixal-a á porta.

O brasileiro não pôde deixar de ir durante dous ou tres dias passear em frente a casa habitada por aquella que elle amava ou que julgava amar; não tinham porem os seus passeios resultado algum; ante-hontem de manhan, porem, recebeu pelo correio a carta seguinte:

«Senhor — Vejo-vos passar muitas vezes de-aixo de minhas janellas. Amanhan receber- os hei ás dez horas da manhan, e deste vosso

rendez-vous resultar-vos-ha a convicção, de que deveis renunciar a ver-me.»

O brasileiro foi pontual em acudir ao convite, porem apenas entrara elle no salão da desconhecida, quando lhe appareceu um homem de ar exasperado:

—Estava certo, exclamou elle, vós me enganaveis e até aqui o vosso complice!

—Porem... balbuciou o pobre amante estupefacto.

—Não ha porém... dá-mæ 10.000 francos ou sois ja um cadáver. E tirou uma pistola da algibeira.

Nem todos trazem 10,000 francos na sua carteira.

O marido ultrajado conveio em receber por conta 1,200 francos.

Adivinha-se o resto. Uma vez livre, o amante desapontado contou a sua aventura ao commissario de policia; porem, tanto o dominó mysterioso, como o marido ciumento haviam desaparecido e até ao presente ainda se os não pôde descobrir.

A FASCINAÇÃO.

A fascinação exercida pelos reptis sobre as aves é real ou é puramente imaginaria?

A este respeito ha opiniões contrarias. Porem um facto que recentemente se deu na Pennsylvania e cuja authenticidade é garantida por numerosas testemunhas, parece dar razão a primeira hypotese.

Um dia, diz a *Patria*, o proprietario de uma vasta fazenda, Mac Clelland ouviu uma bulha desusada n'um pateo onde se achava um numeroso bando de perus.

Chegando ao pateo, viu todas as aves correrem amedrontadas e soltando gritos de afflicção.

A causa de tanto susto e gritaria depressa se explicou.

No meio do pateo, uma grande serpente de campainhas, com o collo levantado, occupava-se em fascinar um dos mais gordos perús, o qual, com os olhinhos fixos nas orbitas envidraçadas do reptil, executava com a maior rapidez, circulos cada vez mais estreitos á medida que se ia aproximando da bocca do fascinador.

Mac Clelland apressou-se em esmagar a cabeça do reptil; o perú ja não corria perigo, porem seus olhos conservam-se ainda fixos como d'antes; e não pode afastar-se em linha recta do inimigo vencido; deitou a fugir com passo tremulo e em sentido obliquo.

A serpente de campainhas tinha o comprimento de quatro pés.

BOA CONFISSÃO.

Um homem, indo confessar-se, aproximou-se ao confissionario, na occasião em que sua mulher se levantava. Ajoelhou, disse a confissão e calou-se. O padre, vendo isto, disse-lhe que fosse accusando os seus peccados, ao que o penitente respondeu:

Reverendo padre, eu só ajoelhei-me para

receber a sua absolvição; pois acabando minha mulher de se confessar escusado é abrir eu a boca, porque havia de dizer de mim todos os pecados que eu poderia referir a vossa paternidade, e mesmo alguns lá da sua cabeça!

TINHA RASAÕ.

Dizia Catão, o censor, que havia trez coisas de que elle se arrependia sempre que as fazia. Eram estas: passar um dia sem aprender nada; viajar por agua quando podia fazer por terra; e confiar um segredo a sua mulher.

UM PAR COMO SE QUER.

Havia um marido e mulher que levavam todo o santissimo dia em ralhos e descomposturas. Por ultimo estavam já tão fartos um do outro, que assentaram em separar-se para nunca mais. A mulher apenas esta sentença fôra por commum accordo proferida, n'um accesso de raiva cahiu em si e disse ao homem:

Eu sinto-me tão mal que poucos dias posso viver; nada de covento; eu vou para a quinta e tu ficas na cidade; e eu acabando cá receberás a noticia para me mandares enterrear, e parto já.

Pois sim; olha cá primeiro: e tu morrendo com quem achas que eu deva casar?

—Com o grande diabo! lhe refflou ella.

—Tolice! replicou o viuvo imaginario: a isso oppunham-se os canones: casar com o grande diabo depois de ter casado com a filha d'elle!!

IN MEDIO CONSISTIT VIRTUS.

Estava um sujeito respeitavel sentado entre dous mancebos mal-creados e esturdios, que julgando-o simplorio se divertiam a escarnece-lo quasi as claras.

—Olhem cá, meus meninos, vejo que não sabem muito bem quem eu sou, e desejo que me conheçam; eu não sou nem um fatuo sem educação, nem um malcreado tolo, o meu logar é entre ambos.

Indo um padecente para o patibulo, o padre que o acompanhava, julgando-o muito contricto, lhe disse: «Quanto és ditoso, meu filho! ainda hoje vaes ceiar com os anjinhos!

—O Sr. Padre, lhe respondeu o padecente muito enxuto, quer Vm. trocar a sua ceia pela minha?

Em uma noite escura um cego ia pela rua com uma lanterna na mão. Um sejeito que o

encontrou, disse em tom de zombaria: — Como és simples! De que te serve essa luz? Pois o dia e a noite não são para ti a mesma coisa? — Não é para mim, lhe respondeu o cego, que eu trago esta lanterna; é para que algum estouvado como tú, não venha embarrar comigo, e me deite no chão.

Ainda não estavam hoje em azo os coques, e já o famoso critico Nicolau Tolentino dirigia aos grandes penteados das Senhoras o seguinte

SONETO.

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena.
Que o furtado colxão, fôfo, e de penna,
A filha o ponha alli, ou a Criada:

A filha, moça esbelta e aperaltada,
Lhe diz co'a doce voz que o ar serena;
Sumiu-se-lhe um colxão, e forte pena,
Olhe não fique a casa arruinada:

Tu respondes-me assim? Tu zombas disto?
Tu cuidas, que por ter pai embarcado,
Ja a mãe não tem mãos? E dizendo isto.

Arremette-lhe a cara, e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sahe-lhe o colxão de dentro do toucado.

E. B. Viana.

OFFICIO EM REGRA.

Um sargento da guarda nacional fez um officio a um cabo do modo seguinte:

—« Por ordem do Illustrissimo e Reverendissimo Senhor Tenente-coronel da companhia deste bataiam faça o aviso para o cervico do dia 7, e de cabo e cabo que vá este até ofim. »

PORQUE UM TAL NÃO CASAVA.

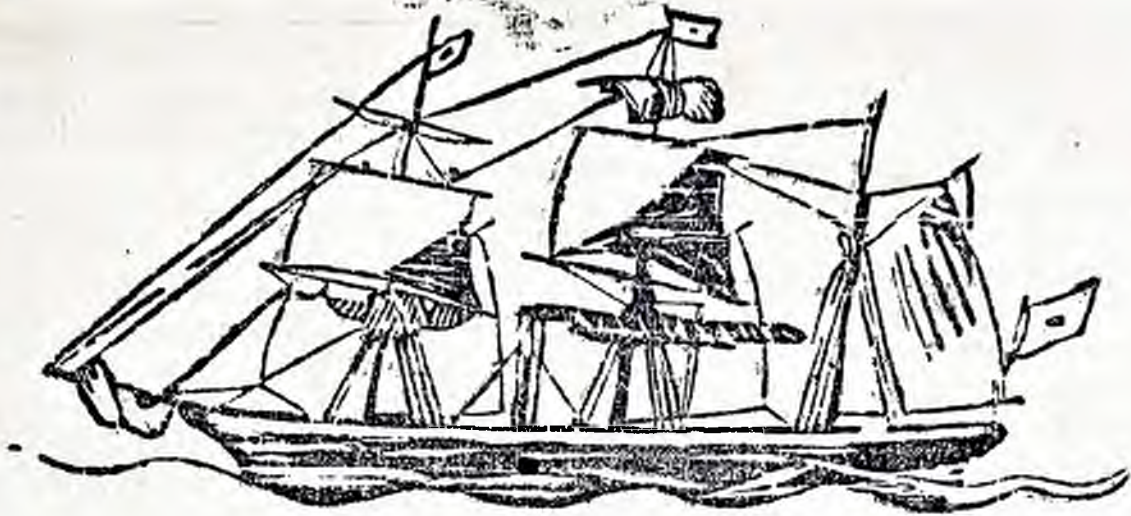
Perguntou-se a um espertalhão porque não casava:

—Por quatro razões, disse elle: se a mulher é feia, aborrece; se é formosa, dá trabalho a guardar; si é rica, temos que soffrel-a; si pobre, ha que sustental-a.

Um engenheiro americano acaba de inventar uma especie de bomba destinada a atirar petroleo em chamas a uma grande distancia. Este aparelho construido para a marinha pode tambem servir para o ataque de fortalezas e casas; e é offensivo, e defensivo.

ANNUNCIOS.

Na rua do Collegio, n.º 7, 1º andar, precisa-se uma ama de cosinha, para uma só pessoa.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

ANNO VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 47.

Serie 47.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

10 DE FEVEREIRO DE 1869.

Ns. 467 e 468.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
9 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos, expondo-lhe o miseravel estado em que vive um rapaz idiota, a quem seu irmão natural João dos Santos Prazeres, com quitanda ao Pelourinho, usurpa os rendimentos de duas propriedades á rua do Queimado, além de outros bens.

O mal-fadado anda por toda cidade descalço e esfarrapado e é, além d'isso, espancado vigorosamente por esse desnaturado irmão.

A' vista do exposto invoca-se do S. S. a protecção da lei para esse infeliz.

—A' direcção da limpeza da cidade, communicando-lhe que na ladeira de S. Roque, travessa da Barroquinha, apparece um carro de mez em mez; permanecendo a rua constantemente em completo estado de porcaria. Outro sim, o ultimo que la andou, a semana passada, chegou ja cheio de lixo, de maneira que, longe de fazer beneficio, ia causando mal, porque não podendo o animal suster o peso do carro na ladeira, este descambou e quasi esmaga um homem de encontro a parede da casa do pianista F. Santini.

Em vista do que, é de crer que essa digna direcção ache justa a reclamação que se faz.

—O *Par-de-aranhas* está damnado!

—Cruz! não me morda.

—Ja viu cobra quando perde a peçonha? Assim ficou o homem assanhado ao ler o *Alabama*.

—Mas por que?

—Porque fallou da *orchestra* dos pequenos tocar uma noite inteira.

—Da-se maior sem razão?

Esse homem não está em si.

—Espumando de raiva, na sexta feira, disse cobras e largatos *no trem de paz*, contra a tripolação do navio.

Mostrou ser versado na linguagem dos prostibulos; não sei si ja frequentou alguma quitanda.

—Despoja-se do que é seu; é generoso de mais.

—E concluiu dizendo que o culpado era o governo de sua terra em tolerar que uns bodes que podiam estar a trabalhar em qualquer roça andassem a tasquinhar aos homens de bem.

—Ora que bobo!

—Decididamente este homem soffre da cachola, para ter a audacia de avançar leviandades destas em uma repartição publica em presença de tantos empregados.

—Tem razão, meu fidalgo!

Mas não é nisso que é culpado o governo. Culpado é elle por conservar no *quartel da saude* muito militar covarde, em quanto os bodes, longe da patria, derramam seu sangue pela honra della.

A culpa que lhe ach) é de remunerar com

gordas sinecuras a aquelles que se empenham para não marchar na hora do perigo.

E' vel-o galardoar com postos elevados a mediocridade, o tartufismo, em quanto o talento, a abnegação, o patriotismo marca passo no esquecimento.

Onde está o desdoiro de ser mulato nesta terra?

Desdoiro, é apossar-se do alheio; valer-se das occasiões.

E' do chefe da estação publica, que compoem versalhadas bombasticas, se elogiando e deprimindo a seus subordinados, e manda deitar por baixo das portas das typographias, pedindo sua publicação.

E' aquelle que se vale da sua posição e abusa da confiança nelle depositada para ter uma casa nos suburbios da cidade, para onde quer transplantar os usos da antiga Gommorra.

E' o perceptor que perverte uma infancia que o Estado lhe confiou para formar cidadãos uteis.

Isso sim é que desdoira, que o ser mulato não.

—O prejuizo das cores ja cahiu; o homem se distingue pelo procedimento e pela intelligencia.

—Nada vale o branco *massa bruta*, grosseiro e mal-creado.

—Ora o *Par-de-aranhas* que engarrase a sua fidalguia e veja se faz uma exportação para *Guiné*.

—Ainda o maldicto brinquedo de entrudo, não obstante ter o Sr. Dr. chefe de policia publicado um edital prohibindo semelhante brinquedo estúpido, bruto e grosseiro, e fazendo observar—a postura da letra A.

—A Bahia é a terra do atrazado. Nos outros logares as cousas vão progredindo, porém Bahia vae em regresso.

Na Calçada brincou-se entrudo a valer; pelo que acha-se um moço bastante doente, por terido da cidade Baixa suado e lhe jogaram uma laranjada; no Rosario de João Pereira, no domingo alguns guardas do 4.º batalhão jogavam agua sobre os pretos que tranquillamente transitavam por ali.

Houveram muitas casas, que enfadonho fôra ennumerar-as, onde brincaram entrudo; mas quasi todas de meretrizes, a excepção uma ou outra de familias; mas d'essas familias a cujos chefes pouco se lhes dá da educação e moralidade.

—Que gente, meu Deus! Ainda não se convenceram da perniciosidade do brinquedo de entrudo; ainda não se convenceram do mal que causa esse estúpido e grosseiro brinquedo.

—*Renitentes*, larguem o brinquedo de entrudo, larguem..... larguem *renitentes!*

Safa que já não posso mais bradar contra este brutal brinquedo.

—Que rua é esta?

—A dos Carvões.

—Antes chamassem-na da podridão.

Cada casa tem um muro de cada muro desagua um cano, cada cano forma um charco, que exhala insuportavel fedentima.

Não sei como se pode morar em semelhante rua!

—Os moradores ja estão habituados.

—Pois eu, si morasse na freguezia de Santo Antonio, não queria uma casa destas nem de graça, por que não estava para abreviar meus dias.

—Capitão, o matadouro mudou-se.

—Quer gracejar?

—Affianço-lhe. Pelo menos ha dous actualmente.

—Um sei eu aonde é, e o outro?

—E' no *Paraguay*.

—Ah, mas esse é matadouro de gente.

—Olhe, que não é o Paraguay de Lopez.

—Que diabo de Paraguay é esse então?

—Chama-se *Paraguay*, a uma especie de quilombo, feudo do *Para-merim*, á estrada *Velha*.

—Então ali é matadouro?

—Parece; pela proximidade em que está dos talhos.

—Historia!

—O caso é que desde sabbado alli se mata boi.

—V. garante?

—Ora está!

—Pois então vou ja me entender com o superintendente.

—Pobres soldados de policia!

Querem mata-los a fome.

—E assim como se pode ter boa policia!

—Não lhes pagam o trabalho, e sobre-carregam-n'os de serviço; os homens sahem para rua desesperados por verem os filhinhos chorando á fome, se acharem qualquer *grillo* agarram com duas mãos.

—E não sei si lhes dê razão; a barriga não espera.

—Em toda parte para se ter uma policia boa, morigerada, paga-se-lhe vantajosamente; aqui retardardam-lhe o mingado soldo.

Hoje 9, ainda não se pagou o soldo de 31 do p. p.

—Amanhan vence-se outro, recebem dous juntos.

—Na vontade.

—Tanto melhor para os agiotas, que lucravam mais.

—Sr. commandante, corre que a sua companhia de *pequenos* artifices vae por agoa abaixo.

—Capitão, no *trem do mar* tudo é moralidade.

—Não é o que dizem.

Affirmam que ha *deleixo* e grande, que do *deleixo* nasce a *indisciplina*, da *indisciplina* o *desmando*, a *maganagem* e o roubo.

Bem vê que para uma casa de educação isso não abona nada.

—Que montão de falsidades!

—Dizem que as *arcas dos pequenos* amanehem quasi todos os dias *remexidas*.

Que no alojamento dos adultos rouba-se roupas, relogios e dinheiro, entretanto que lá não entra ninguem de fora!

E o peor de tudo, é, que sabendo S. S. destas cousas, não dá cavaco!

Que ainda na sexta feira, roubaram ao *pequeno* Servulo um relógio e trancelim de ouro, que lhe dera outro de nome Mendonça, para guardar.

Que o *pequeno* indo trabalhar na maquina, hallucinado pelo prejuizo, dera tanta força na dita maquina, que quasi ha um estouro, a não ser o providencial apparecimento de um outro, que atalhou o desastre a tempo.

—Como se calumnia!

—De sorte que a ser assim, de uma corporação que deve dar a sociedade bons artistas, sahirão membros do olho-vivo.

E' preciso, pois, mais euidado da sua parte.

QUARTA FEIRA DE CINZA.

Una mors cunctas manet,

Esta é a verdadeira lei escripta no livro da eternidade, eijos caracteres permanecerão indeleveis; esta a sentença fatal dada por um juiz sabio e incorruptivel.

E' no sepulchro aonde vão parar as distincções humanas, é ahi que o homem se mistura no pó de que foi feito.

Ah! . . .

E como são loucos aquelles que esquecidos da morte, só cuidam nos prazeres da vida? Como são insensatos! . . .

Não escutam o rouco bronze a cada instante apregoando a morte; não vêem na ordem da natureza como fenece, como acaba tudo; não se recordam de que, si hoje respiram o ar da vida, amanha dormirão o somno da morte! So querem adquirir riquezas, distincções e

homens se lembrassem desta hora fatal, deste momento solemne, em que o espirito se solta das prisões do barro, então não calcariam a virtude sob os pés, nem levantariam altares ao vicio. Porém a idea de morte e após della a da eternidade é uma idea nunca tida por elles: mas que importam as vaidades humanas?

A morte não sabe respeitá-as, tudo vae parar na sepultura: e ainda la haverá distincções?

Vejamos.

Onde agora se vê meu pensamento?

No meio de um cemiterio, no silencio dos tumulos, moradas sepulchraes de um lado e do outro; mais além um altar e nelle uma cruz; mirrados ossos acolá unidos. Esta casa é dos mortos!!

Erga-se a loisa desta sepultura: aqui jazem os restos de um poderoso, assim dizem estes caracteres de oiro esculpidos no jaspe; porém o que se encontra? Feia caveira e mirrados ossos; basta.

Agora se levanta a tampa daquella outra; quem é que alli jasi? Um infeliz que morreu de fome; o que se encontra? Feia caveira e mirrados ossos.

Oh! . . .

Pois não havia tanta differença entre um e outro?

Como agora tudo é o mesmo?

Quem mostrou a verdade foi a morte.

Continuemos ainda.

Que restos esta loisa abafa?

Aqui jaz uma donzella, enjos attractivos, prendendo corações, captivou almas: foi um idolo em eujas aras muito incenso se queimou; foi adorada como uma divindade; porém o que será agora? Levante-se esta pedra. Ah! que vejo! . . . Somente podridão; a que se reduziu tanta belleza? Nisto é que se tornou a formosura?

Mortaes, mirae-vos neste espelho; si o falso vidro vos traz enganados, este vos diz a verdade; nada mais sois do que caveira e ossos.

Não prosigamos mais; está provado — todos somos eguaes, feitos de nada e em nada nos tornamos.

—Que differença!

Os paraguayos aqui são bem tratados, andam limpos e asseados, passeiam á cavallo, e ganham soldo vantajoso.

No Paragnay, um official superior brasileiro é tratado deshumanamente!

—E digam que Lopez não é um tyranno!

«O CORONEL FREDERICO CARNEIRO DE CAMPOS.

Muitas idéas erradas se propalaram por

vezes, a respeito do modo porque era tratado no Paraguay o infeliz coronel Frederico Carneiro dos Campos; papeis authenticos, porém, salvos milagrosamente, patentêam alguns dos innumeraveis crueis soffrimentos que esta illustre victima padeceu no seu captivo, e aos quaes succumbiu, conservando, comtudo, constantemente a sua nunca desmentida dignidade, e rendendo sempre muito ostensivamente homenagem á honra do seu paiz e ao soberano que lhe confiara os cargos de presidente e commandante das armas da provincia de Mato-grosso. (*)

O seguinte extracto de uma carta por elle escripta a lapis a sua mulher, a sua filha e sua neta, na data de 3 de janeiro de 1867, da prisão do acampamento do exercito paraguayano, dá uma amostra dos martyrios por que elle passava:

«Sinto-me muito mal em minha saude; as más prisões que tenho tido e o pessimo tratamento que tenho recebido, me têm alterado por fórma que penso de um instante para outro entregaar minha alma ao Creador. A prisão anterior a esta, em um quarto pequeno, humido, chovendo sobre mim, e em que logo ás 4 horas da tarde era encerrado até pelas sete do dia seguinte; me desenvolveu uma crupção de pelle que me começára a bordo do pontão *Iberá*, onde tambem estive preso, e com tal valentia veio, que não tive no corpo um ponto de que se não tivesse apossado a doença; não era morphéa, mas empigens temiveis; eu não tinha roupa sufficiente para mudar nem quem lavasse a suja e muito nojenta. A roupa trazida já a tinha vendido para comer para ir vivendo; eu mesmo, coberto destas terriveis mazellas, ia á lagôa proxima, pantanal de onde se bebia agua, e ahi lavava as porcarias: passei momentos que se não imaginam; nessa prisão tão ruim, comendo carne de vacca, muitas vezes sem sal, estive dez mezes.

Quiz Deus ir reduzindo a menores condições minha doença, e, passados mezes, localison-se ella na perna esquerda. Com as marchas em cavallo em osso, tendo para descanso dos pés duas cordas, empeiorou o mal, que cada dia, com as pessimas aguas que aqui bebo e carne pura que como, vae de mal a peor; não durmo com dôres, a perna está em constante suppuração sanguinea;

(*) Vê-se isto, sobretudo da norma de um officio por elle escripto em 31 de outubro de 1867 ao ministro da guerra e marinha do Paraguay, em que, por já não ter roupas para vender, pede que se lhe consinta vender, para alimentar-se, alguns dos objectos de valor que daqui leváram e que de certo elle reservára, por serem tambem de estima.

eu não tenho o menor appetite e estou na espinha e sem forças. Enfim, posso deixar esta vida ou perder a razão, por isso faço esta.

Dos nove presos, dous já morreram dos maus tratos; eu com 63 annos como resistir?!

Todos têm soffrido; principalmente mal de pelle, mas a nenhum coube tanta desgraça como a mim: Bãciencia! Deus assim o quiz!

Á PEDIDO

— Sr eu pudesse fallar ao Dr. chefe de policia.....

— Para que rapaz?

— Para dar-lhe noticia de uma atrocidade.

— Dirija-se, que estou que ha de lhe ouvir.

— Queria communicar-lhe que ha no *Caes do Ouro*, n.º nove vezes seis, um gallego malvado e até assassino.

Esse monstro traz um pobre preto martyrisado em tronco de pés e mãos; na noite de 6 flagellou-o com crueis açotes desde 11 horas até uma e meia!

A visinhança ouviu os gemidos da victima e horrorizou-se de tanta crueldade.

— Deviam soccorret-a.

— Essa detestavel creatura é dotada de indolê malvada, e seus instinctos dão só para fazer mal.

Ha pouco menos de um mez deu tamanho couce no creoulo Manuel, escravo de um homem *moreno*, que tem armazem, que este lançou golfadas de sangue e todã comida que tinha no estomago e d'ahi ha dias morreu.

— Um malvado destes não deve ficar impune.

— E para isso que eu desejo levar o facto ao conhecimento do Sr. Dr. chefe de policia.

— E deve ser ja....

—.... Sinto o coração dizer-me, creia por S. José descendente de David, que o integro magistrado dará a essa fera o castigo merecido.

MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

POESIA,

que offerece o capitão honorario do exercito brasileiro, José Maria de Sant'Anna Mattos, ao seu amigo—o distincto artista—Hermenegildo Lopes de Mesquita.

I.

O dia pouco e pouco ia se erguendo, meio ainda adormido e mal seguro; os plumosos cantôres adejavam, ou poisavam no matto quasi escuro.

E, um artista, alevantado, já se tinha, a tempo largo;

e, o pão, no trabalho honrado,
ganhar, com o suor amargo,
 elle ia!

Se escondia um peito nobre;
por baixo da veste rôta;
no seu andrajo de pobre,
muita nobreza se acouta—
 fugitiva!

Viva a chamma da esperança
de não ser pesado ao mundo,
o artista, não descança
do seu trabalho profundo,
 satisfeito:

têm o respeito p'ra todos,
porque todos o respeitem;
repelle soberbos modos,
embora, á certos, delêitem
 no cynismo!

Ao abysmo da hypocrisia
não arremessa a pureza:
tem, por sancta poesia,
Deus! depois a natureza
 peregrina!

Na officina tomã partê
do trabalho «argue-se um rei!»
maneja a nobreza da arte,
e, acabando, diz:—«ganhei
 o pão d'hoje!...»

.....
.....
.....
.....!!!

Quão feliz, meu Deus, eu sou
por não dobrar-me á vontade
d'alguns homens, á quem dou
exemplos de probidade!
 quão feliz!

Quiz vossa idéa, Senhor,
que, o artista, nascido pobre,
sendo, na arte, creador—
só por isso fosse nobre!
 Obrigado!!!

Si, nas veias, me não gira
o sangue de nobre raça,
a intelligencia, delira,
e, da arte, faz que nasça
minha nobreza tambem!

Aqui, sou rei, na officina:
é minha e' rôa o trabalho!
não pode haver melhor sina!
tendo, por sceptro este malho,
tenho, por throno, a minha arte!

Quiz vossa idéa, Senhor,

que, o artista, nascido pobre,
sendo, na arte, creador—
só por isso fosse nobre!

Obrigado!!!

II.

Depois, ergueu-se o artista
que o dia a noite beijava;
aos ferros lançando a vista,
disse adêus! é que pensava
no trabalho de amanhã!

Mudado o traje, eil-o, parte!
Caminha com o passo ousado:
O homem, creador na arte,
porque caminha apressado?!
que vae fazer?! aonde vae?!

.....
.....
.....
.....

Mas n'aquelle prediô entrou...
O' qué, ali, faz elle, então?
—E' ali, que se juntou
artista ao artista irmão,
n'um só abraço feliz!...

Ali, a arte não batalha
manejando o ferro e o aço;
só a idéa é que trabalha,
e, aguia, que não mede espaço,
para o futuro caminha!

Ali, faz se o obreiro da arte—
Rousseau das eras de hoje!
E' alli, que se reparte,
se, accaso, a ventura foge,
á miseria, a f'licidade!

A viuva, o orphãosinho,
que não teem pão p'ra comer;
o infeliz, coitadinho!
posto no leito, á gemer,
chorando o pão do trabalho...

tem, ali, ás maguas suas;
um paradeiro na vida!
não mendigam pelas ruas,
nem teem falta de guarida!
dá-lhes tudo o artista—irmão!

Sociedade bemdicta,
mãe do artista enfermo e pobre,
dê-vos Deus vida infinita!
Club de artistas, vós, sois nobre!
Monte-pio, eu vos saúdo!

.....
.....
.....

III.

Reunido o Monte-pio,
presto, o cofre foi aberto;
e o dinheiro necessario
foi tirado:

e o dinheiro foi levado
aos pobres do Monte-pio:
é quantia, que recebem
mensalmente...

.....
.....
como esmola, não!
não é!...

IV.

E o artista, deitado no leito de dores,
gemendo, soluça de angustia e prazer!
O orphão sorri... não chora a viuva...
fugiu-lhes a fome... já tem que comer!

A pobre donzella, não teme vender,
por pão, sua honra! por Deus! oh! não teme!
bem dita è a dextra, que aperta outra dextra,
e arranca a miseria do pobre, que geme!!!

V.

Avante, *artistas!* da rasão, o escopro,
obra gigante estatua de hem!
Avante! avante! do futuro o sopro
bafaja as dobras d'essa estatua—além!...

Filhos do peso, do trabalho filhos
erguestes, alto, do progresso, a estatua!
Firme, na crença dos melhores brilhos,
daes o exemplo à uma nobreza—fátua!

Destes o exemplo, soccorrendo os pobres,
vós, que sois pobres... de dinheiro só!
Em quanto folgam, nos saráus, os nobres,
mataes a fome de quem jaz no po!

Avante! avante! *pobres de casaca!*
pela arte—nobres—de nobreza ganha!
Do mar dos tempos a cruel resaca,
não det'riora obra que é tamanha!

A idéa é grande! o movimento da arte
veste a pobreza, lhe matando a fome!
Pobre com pobre seu quinhão desparte;
é nobre a idéa, quando alcança um nome!

Avante! avante! filhos do trabalho!
avante! avante! pobres de casaca!
A blusa rota, a mão calosa e o malho
são o diploma, que á nobreza—ataca!!!

—O' tu gallego, vem cá.

—Si é para carregari algum barril da *sileta*,
estou a lhe dizeri que ja não uso disxo.

Hoje sou rico; tenho duas bendas.

—Cala-te bruto.

Como te chamas?

—*Domingos.*

—De onde vieste?

—De *Chetas.*

—Onde achaste dinheiro para comprar
duas vendas.

—E' muito perguntari: Cá um homem não
da de dari parte de sua vida.

—Muxingueiro, taca neste infame.

—Perdão, perdão; estou prompto a respon-
deri.

—Então falla.

—Donde me beio o dinheiro?

Ab, foi aqui assim de dous premios da lo-
teria.

—Queres me iludir, tratante?

E que loterias foram essas, que numeros
tinham os bilhetes?

—Ja não me posso lembrarri.

—Estacs mentando, animalajo!

Este dinheiro que possues, envolve um
crime, foi resultado da scena lugubre pas-
sada no mar em certa noite, lembraste?

—Ah, senhori, não me recorde o passado.

—Morde-te o remorso? Mas isso é impossi-
vel, a consciencia tens-na callejada.

E hoje apesar de *arranjado*, não perdeste o
habito de roubar.

Essas duas bibocas dissortidas, que pos-
sues, são apenas um pretexto para á larga po-
deres roubar assucar.

Não ha muito, fostes por duas vezes agar-
rado nas alvarengas roubando, do que te sa-
fastes por *certos arranjos.*

—Estou perdido!

—Embora tehas diaheiro, pones os ca-
loteiros se egualam a ti; pois que não pagas um
real a quem debes.

Cada mez tens caixeiros novos, despedindo
os que estavam para roubar-lhes o suor.

Tua sentença esta lavrada; mas primeiro
ouvirás o enorme catalogo das tuas ladroerias
e crimes.

Muxingueiro, leva este gallego *zarolho* para
o porão, com um par de maxos ao pescoço
até sagunda ordem.

(Continúa.)

Entre os *passados* que a miseria attinge,
Nenhum se *tinge* com mais rubra cor,
Do que o Guedes, que *passando a nado*
Foi *atagado*, nos causando dor.

Pobre coitado!.. De *earmin* se ondeia
Mais não se *hombreia*, com *vermelho puro*,
Tiram-lhe a *mascara*, qual do grou a veste,
E o bruto investe... que viver tão duro!

Si adula e mente, si festeja em canto,

Si insulta tanto, burro desabrido,

Todos o deixam nesse mar profundo ..

Vacuo dô mundo, em quo se vê perdido.

Quem te conhece, te despreza, o' Guedes,
Porque excedes no insulto execrando
Ao açogueiro, na linguagem feia,
E a honra alheia vae esquarterando.

Sempre fallando em *imprensa séria*,
Oh, que miseria! quem por um vintem;
Tem consciencia de camaleão
E da opinião faz um *vae e vem!*

D. G. C.

—Immediato!

—Prompto, capitão.

—Vejo uma nuvem negra sobre a ponte
do *Xixi?*

—E' navio de vela; capitão.

—Mande dar caça.

—Capitão, terros o navio á vista, meia mi-
lha de distancia á este bordo.

—Chame a falla.

—Que chaveco é este?

—O *S. José?*

—Quem é o mestre?

—O *Zepherino.*

—De onde vem, para onde vae?

—De onde vem? Da pihagem; vou de-
sovar no ancoradouro do hospicio.

—E' pirata.

Vejamos a carga, saccas de assucar
com a marca *mão-de-corvo*; para *Alves e*
Motta; uma bengala de unicornhe, uma fecha-
dura quebrada, parecendo ser de trapiche,
um moleque.

—Moleque não é carga.

—Vae tudo englobado, capitão.

—Para onde ia este assucar?

—*Xi!... Xi!...* Quer que declate? Para o
ponto 151.

—Esta bengala?

—Vou contar-lhe a historia della.

—Fica para depois.

Camaradas, este tratante é ladrão de as-
sucar. Fogo com o canhão raiado.

(Continúa.)

Ora vejam só, a *pomba*
Ao *Zé-Canastra* enganou;
Achou a gaiolla aberta
Bateu as azas voou.

Anda mettida nos *matto*;
Vae na *fonte* se banhar,
E nas *pedras* do rochedo
Depois se põe a catar.

Sentido no caçador!
Si ferida ser não queres,
Voae depressa aos *matto*
Correi o mais que puderes.

Sr. capitão.—Eu sou muito pobre como
todo mundo sabe, e para poder comer todos
os dias, faço *conta do porto* com minhas com-
panheiras *Mariquinhas Piauhy*, *Rita d'Alcan-
tara* e *Mequillina Galho Verde*. Ora, a união
fiz a força e graças a esta minha lembrança,
vae a gente passando sem soffrer fome e go-
sando de um pequeno regalo sem grande sa-
crificio.

De certos dias, porem, a esta parte, só vem
ao mercado carne de bofe, que não ha von-
tade por mais gulosa, que possa tragal-a,
principalmente quem tem bocca de sapo co-
mo nós quatro.

Não é só da pessima qualidade da carne
que nos queixamos; é tambem do mau peso;
pois entendem os carneiros que devemos
roer osso como si fossemos *feas* de cães.

Dizem que compramos pouco e por isso não
podemos ter bom peso. Ora dá-se!

Em que o nosso dinheiro é inferior ao dos
que compram muito?

Sempre a maldicta bajulação!

Cançadas de sermos mal servidas, recorre-
mos a V. Ex. pedindo providencias a' res-
peito.

Minhas companheiras tiveram vergonha de
assignar-se, mas eu como sou destorcida,
tenho a honra de inscrever-me como acatã-
dora de V. Ex.

Rita Fainha.

CONVERSA ENTRE O MARINHEIRO E O SOLDADO.

M.—Boa noite, camarada.

S.—Boa noite.

M.—O que andas fazendo?

S.—Ando rondando.

M.—Pois eu ando me distrahindo das mas-
sadas do mar.

S.—Assim é bom quem pode fazer.

M.—Pois já sei que hoje apanhas alguns
d'estes malandros que nos são remetidos
para bordo.

S.—Parece-me que advinhou, ou sabe.

M.—Então estou vendo que acertei.

S.—Acertou, pois ando a cata de um certo
velho, empregado do *carimbo* que diz *beija a*
mim quando está nos *Vallasques*.

M.—Mas o que tem feito esse velhaça, que
tanto V. procura?

S.—O que tem feito? Eu lhe conto: este ve-
lho, avô de netos; em vez de cuidar em sua
familia, anda pelas vendas bebendo, e fal-
lando de uma pobre mulher, por quem elle
está apaixonado, e como ella não lhe quer dar
attenção, a tem enxovalhado a ponto da pobre
mulher andar escondida da furia.

M.—E quem é essa mulher?

S.—E' uma mulher com quem elle demanda e lhe tem tomado todos os trastes até a propria bacía velha onde a pobre mulher se banhava, e assim reduziu-a a pote e esteira como se diz.

M.—Pois velho ainda se apaixonou?

S.—São peiores que os mocos, quando querem quero porque quero.

M.—Então esse velho é o diabo.

S.—Assim diz elle, que Lopez no Paraguay e elle aqui.

M.—Pois para esta mulher não ha justiça, e para elle ha?

S.—Ora veja, pois o velho diz—quem tem dinheiro faz o que quer.

M.—Pois empregado publico tem tanto dinheiro assim?

S.—V. não sabe o que tem acontecido, pois a poucos dias tomou trezentos mil reis com juros para dar quatro centos.

M.—Para que elle quer tanto dinheiro, será para jogar, ou para a familia?

S.—Qual; é para fazer mal á pobre moça.

M.—E' preciso tanto dinheiro?

S.—V. não vê que elle dá a cada official de justiça 2\$ rs.

M.—Pois uma citação não é 1\$500 rs.

S.—Pois si elle faz tudo sem despacho do juiz até em tempo de ferias...

M.—Em tempo de ferias tambem ha citações?

S.—Sim, não ha; porém com 2\$ sempre se janta um dia.

M.—Então quanto antes me remetta esse velho e os taes officiaes para bordo que lhe darei todos os dias uma ração de calabrotadas, e mesmo o governo não quer empregados d'esta ordem, que não se respeitam, principalmente devendo pelas vendas.

S.—Si fosse isso só seria bom.

M.—Então tem feito outras peiores?

S.—Pois si não sabe de uma venda ao Maciel de cima, para estar chocando a casa onde a mulher mora.

M.—E ella chega na janelle?

S.—Qual; é só tomando o cheiro de longe.

Ha poucos dias armou-se de pau com dois guarda costas e foram atacar o dono da casa onde mora.

M.—Não posso ver semelhante coisa desta nossa terra. Esta mulhier não tem ninguém por si.

S.—Qual; só Deos e nada mais.

M.—Por isto é que elle faz tudo isto.

S.—Pois meu camarada, vou ver se o encontro para lhe dar juizo, ja que não tem.

M.—Pois bem até outro dia que lhe direi outras couzas mais, que elle tem feito.

M.—Boa noite e me tome cuidado do velho.

(Continúa.)

ENIGMA.

Um dia certo doutor,
Com uma pistola armado,
Disse estar deshonrado
Por um amigo seductor;
Então, cheio de furor,
Jura fazer todo mal
A seu amigo rival;
Perguntando por onde entrou?
Si pela janella saltou,
Ou pela porta do quintal?

VARIÉDADES

O QUE E' UM MEETING.

—O' Mauricio, dizia a um sapateiro de escada sua cara metade, disse-me aqui a vizinha do lado, que no domingo ha um meeting: ora tu não me dirás o que é um meeting?...

—Com effeito! sempre és uma estúpida mesmo dos quatro costados: forte desgraça foi a minha em casar com uma mulher que nem sabe o que é um meeting. O' mulher, pois será possível que não saibas o que é um meeting?!

—Não sei, não, ja te disse.

—Ora pois, vistos eres uma pateta de tal calibre, que até ignoras uma cousa tão simples, eu te vou dizer o que é um meeting. Um meeting, minha tola é...é... (coçando a cabeça.) O que é um meeting, é que tu queres saber?

—Sim, o que é um meeting?

—Pois bem; um meeting, é...é... (apertando o labio inferior e olhando para o chão) é... Olha si queres que te falle com franqueza, tambem não sei muito bem o que é.

DECLARAÇÃO

Encetamos a publicação do *Rocambo*.
Distribuem sehoje as duas primeiras folhas.
Si algum Sr. á quem for remettido, não quizer assgnar, terá a bondade de recambiar o exemplarna entrega da terceira.

Os edictores—*Marques, Aristides, & C.*

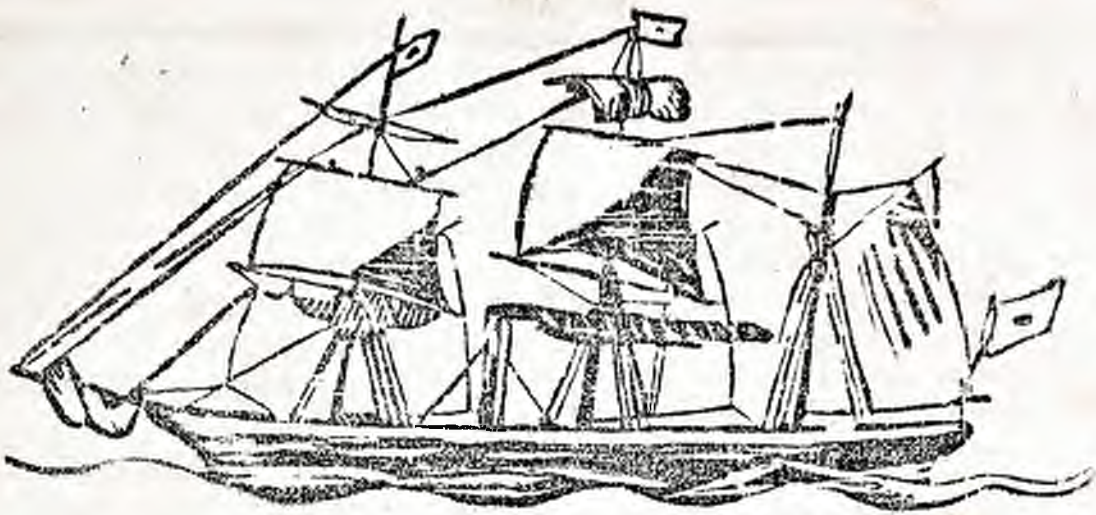
ANNUNCIOS.

ALUGA-SE

Uma pessoa que saiba lavar e engomar bem, preferindo-se escrava, para morar em casa d'uma familia: nesta typographia se dirá quem precisa, e paga bem.

N'esta typographia compra-se o n.º 152 do *Alabama* de 1864 e 421 de 1868.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 47.

Preco d'assignatura—4\$ rs. per serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

13 DE FEVEREIRO DE 1869.

N. 469.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
12 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. inspector da illumina-
ção publica, communicando-lhe que no largo
da Cruz do Cosme a illuminação é sempre
feita as 9 horas e que o accendedor desculpa-
se, dizendo que tem para isso ordem da com-
panhia, o que parece inexequivel.

Em vista do que, pede-se a S. S., que, ave-
riguando de onde parte semelhante falta, faça
com que o respectivo contracto seja restricta-
mente observado.

—Capitão, estou com o juizo estufado e a
cabeça do tamanho de uma catimplora de fa-
zer sorvetes.

—Por que, rapaz?

—Por uma grata noticia. Estou babado de
gosto.

—Que noticia será esta?

—Consta, que vae ser nomeado comman-
dante das armas desta provincia o coronel
Thomaz da Silva Paranhos.

—Olô!

—E não merece, capitão?

—Pois não!

—Só assim será galardoado o merito, bra-
vura e rara-intelligencia do Sr. coronel Pa-
ranhos.

—Pois padre, hoje é dia de brincar en-
trudo?

—Jurei que havia de molhal-os.

—Mas hoje quarta-feira de cinza?

—Não quer dizer nada.

—Valha-me *Santa Anna* com Vms.

Nem só infligem as leis sociaes, como que-
bram os preceitos da religião.

—Distribue-se hoje a terceira folha do *Ro-
cambole*.

—O que ha ali no becco do Açouguinho?

—E' uma mulher que, dizem, está com o
diabo no corpo.

—Que patifaria!

A policia por que não acaba com aquillo?
Parece que gosta de ver ajuntamentos e
assuadas.

—E o peor de tudo é que para expellir o
diabo, o corpo da infeliz soffredora é marti-
risado a latego de chicote!

—Não se dá maior barbaria!

—«Na quarta-feira, pelas tres horas da
manha, pouco mais ou menos, diz o *Diario*,
foi acordada por um transeunte a sentinella
da guarda da secretaria da policia. Dormia
ella a sonno solto, como dormem os inno-
centes, estendida sobre a calçada, a dez pal-
mos da retina.»

—E' bem mau isso.

Ja uma vez appareceu arrombada a
taria da policia.

—Isso se deu no tempo em que era aqui chefe do policia o actual ministro da marinha o Exm. Sr. barão de Cotegipe.

—E não roubaram sinão o *livro azul*, no qual se continha os nomes dos mais celebres e importantes moedeiros falsos.

—E como se operou este arrombamento é o que ainda até hoje se está por saber!

—O Sr. inspector da illuminação dirige-nos a seguinte carta, que folgamos de publicar:

«Srs. redactores do *Alabama*.—Sempre prompto em acudir aos reclamos sensatos da imprensa, informo, respondendo ao escripto de 5 de fevereiro, que a escuridão do forte de Santo Alberto é proveniente da retirada obrigada de 3 lampeões, que embarcavam as obras do assentamento de trilhos da companhia de vehiculos. A' requerimento d'esta, o governo authorisou esse procedimento, recebendo a companhia do gaz, dos interessados, o pagamento dos combustores assim impossibilitados de exercicio.

Explicado assim o facto, como o fiz officialmente, logo que li o mesmo reclamo no *Diario*, vou hoje mesmo examinar, si é possível, em lugar tão apertado, o assentamento provisorio dos combustores retirados.

De Vv., etc.,

Cyrillo Eloy Pessoa:

—Na côrte, apezar de só um lado politico, pleitear as eleições, houverem desordens, ferimentos e mortes.

Na freguezia de Nossa Senhora do Desterro do Itamby. foi ferido com um golpe no pescoço João Francisco de Araujo.

Na freguezia de Passa-Tres foram mortas duas pessoas e uma ferida gravemente.

Em S. Paulo, houveram tambem desordens.

—Mas feliz foi a Bahia que fez na capital todos os eleitores e supplentes de uma parcialidade.

—Não se comprehende isto!

—O que?

—Não está lembrado que o marquez de Caxias declarou solemnemente que estava acabada a guerra?

—E' verdsde.

—Pois agora, participando ao ministerio a sua retirada do Paraguay, diz em officio de 24 do passado — «que deixou o marechal Guilherme Xavier de Souza encarregado das forças que estão em Assumpção e lhe fez saber tudo quanto deve fazer em *relação á guerra.*»

Si a guerra está acabada, como deixa o Sr. marquez o seu substituto com instrucções *para ella?*

— Não se comprehende os *vai-vens* desta guerra!

—Noticias da guerra.

—Diga.

—*Jornal do Commercio* de 3 do corrente.

Entrou hontem o transporte de guerra *Arnicota*, com 219 doentes do exercito e 9 paraguayos prisioneiros.

«As ultimas folhas que traz de Montevideu são de 24 do passado.

«Nellas não encontrámos noticia alguma do Paragnay; sabemos, porém, por cartas, que a 18 chegaram a Humaitá no vapor *Prinzeza* o almirante visconde de Inhaúma e o chefe de divisão Alvim, que desciam para Montevideo, tendo-se aggravado os soffrimentos do primeiro.

«A 17 tinha morrido em Humaitá o brigadeiro Gurjão.

«O visconde do Herval continuava a padecer do seu ferimento, e dizia-se que embarcaria no transporte *Presidente* para o Rio-Grande do Sul, fallando-se tambem da proxima retirada do visconde de Itaparica.

«Ficava com o commando do exercito o marechal de campo Guilherme Xavier de Souza, tendo-se o marquez de Caxias retirado para Montevideo, onde chegou na manhan de 24. S. Ex. descia no *Guaporé*, que em viagem abalroou com o *Lima e Silva*, sendo tão forte o encontro que aquelle vapor perdeu o garupés, quebrou a caixa de rodas de bombordo e foi encalhar na barranca, donde embaldo tentou safá-lo o *Lima e Silva*. Tendo-se partido todos os viradores sem nada se conseguir, o Sr. marquez passou-se para bordo deste ultimo vapor, e nelle acabou de descer. Tendo encontrado perto de Martim Garcia o transporte S. José, ordenou-lhe que voltasse em conserva.

Chegando a Montevideo ás 9 1/2 horas da manha o Sr. Marquez foi immediatamente visitado pelas autoridades brazileiras, chefe da estação naval, coronel commandante militar, chefe da repartição fiscal, membros da legação e outros funcionarios. Ao meio dia desembarcou e foi alojar-se no *Hotel Oriental*. S. Ex. retirou-se por doente, e dizem-nos que tencionava voltar a esta côrte no transporte S. José.

Jornal de 4.

«Entrou hontem o *Arno* com datas de Montevideu de 28 e 29 do passado.

«São um tanto vagas as noticias que encontramos do Paraguay. Parece que os al-

liados preparavam uma expedição para sahir em perseguição de Lopez; não se sabia, porem, ao certo, onde este se achava, nem a gente que trazia comsigo.

«Para Matto-Grosso tinham subido mais algumas forças brasileiras, diz se, porem, que um dos vapores para isto fretados, o *Yaquareté*, se perdêra nas Rocas, umas 60 milhas acima da Assumpção. O estado sanitario das tropas era satisfactorio.

«Os telegrammas transmittidos á ultima hora de Buenos-Ayres para o *Telegrapho Marítimo* de Montevideu dizem assim, cumprindo notar que nem sempre são seguras estas noticias:

«Depois da sahida do *Arno* chegaram dous vapores do Paraguay. Lopez está reorganizando algumas tropas em Birabibi. Dos paraguayos feitos prisioneiros na Angostura alguns têm fugido para Lopez. Os alliados preparam uma expedição para as cordilheiras. Chegou da cidade da Conceição um padre paraguayo que diz ter Lopez mandado gente para percorrer os campos, matando os habitantes que encontrasse. Diz-se que aquelle territorio está quasi deserto, e se não ouvem senão lamentos. Todas as familias estão com Lopez nas cordilheiras. O general Emilio Mitre resolveu enfim mover-se, e quando o *Venezia* sahia estava elle organizando a sua divisão expedicionaria para seguir para as cordilheiras.

«Alguns forrageadores brasileiros que andavam perto de Luque encontraram uma partida paraguaya e voltaram á Assumpção a avisar os seus chefes. A saude do exercito é melhor, mas o calor é espantoso. Teem-se feito avultados pedidos de cavallos.

«Metade dos negociantes da cidade de Corrientes estava se passando para a Assumpção, onde varios inglezes ja tinham aberto officinas em que faziam bom negocio.

«O vapor americano *Kansas* estava encailhado. Os brasileiros deram um vapor para o ajudar a safar, mas nada se conseguiu.»

Diz-se que na Assumpção encontraram-se uns 200,000 couros, em parte avariados, umas 20,000 arrobas de tabaco e alguma herva mate, pouco, que appareciam muitos individuos a reclamar o seu direito de propriedade sobre estes generos.

Segundo as folhas do Rio da Prata os governos argentino e oriental iam enviar á Assumpção emissarios que de accordo com o enviado brasileiro, que se esperava, estabelecessem ali a melhor ordem de cousas que as circumstancias permitissem.

A' baroneza do Triumpho concedeu-se uma pensão annual de 5:000\$ rs.

—Lê-se no *Desenove de Dezembro*, do Paraná:

«Apresentou-se hontem ao Exm Sr. presidente da provincia o cabo de esquadra da extincta companhia de cavallaria desta provincia, Joaquim José de Quadros, que segundo diz, achando-se addido ao 1º regimento de artilharia a cavallo, em Tuyaty, foi no reconhecimento de Humaitá extraviado e prisioneiro pelos paraguayos.

«Sendo levado para uma povoação muito além da Encarnação, onde se demorou em serviço uns quize dias mais ou menos, em uma noite tempestuosa logrou evadir-se, tomando o sertão que vem ter ao rio Paraguay; ahi chegando atirou-se n'agua, com auxilio de um páo que tomou como—salvavida—, nadou mais de 24 horas para o lado da provincia de Corrientes; demorou-se 18 dias em uma ilha deserta, cujo nome ignora, e atirando-se de novo á agua nadou por muito tempo; seguiu depois pelas cabeceiras do Aguapehy, alcançando os hervaes da fronteira de Corrientes com esta provincia.

Esteve no herval de Pedro Pagy; seguiu depois pelo sertão da fronteira e veio sahir no campo Erè, districto de Palmas, deixando o rio Iguassú á esquerda e o Uruguay á direita.

«Gastou em todo este trajecto unicamente dous mezes.»

Á PEDIDO

—Quero dar-lhe uma noticia:
Sabe que *deu-se um geral*
Enthusiasmo entr'os masc'ras,
No baile do carnaval?

—Muito bem! Esteve assim?
Sim, Sr., está direito!
Sempre contei que o *spirito*
Ali produzisse effeito.

—Um tal, caracterizado
De *Baptista* o Precursor,
C'um embrulho de *moquecas*
Foi o iniciador.

Até dama còr da noite,
Para realce se achou,
Com uma rara *constancia*
Toda quadrilha dançou.

Muitos outros mascarados
Concorreram *no geral*,
P'ra tornar o tal folguedo
Um *perfeito carnaval*.

FELICITAÇÃO

Dirigida ao Imperial Monte-Pio dos Artistas, no dia 2 de fevereiro de 1869, anniversario de sua installação, por parte do Gremio Literario.

Senhores.—Mais uma vez aqui estamos: reconhecidos á honra de vosso convite, jubilosos de poder assistir a mais um de vossos anniversarios.

Mais uma vez eis-nos aqui a estender-vos mão amiga de irmãos, a dirigir-vos nossos emboras e nossos louvores.

Como não ser assim? Os homens e as associações costumam igualmente celebrar com religioso respeito a epocha de seu nascimento ou de sua inauguração.

Ha entretanto uma notavel differença, não menos verdadeira, se não é menos sentida.

O que é o homem? Um pouco de barro que o berço atira a um tumulto; alguns dias rapidos encadeiados entre um vagido e um estertor; um pranto que começa nos olhos da creança e acaba nos do moribundo; um suspiro que se eleva e um suspiro que se extingue.

Os dias são restrictos, as horas estão contadas e a morte inflexivel não nos concede um minuto mais além do termo fatal.

Cada passo que nos separa da aurora da vida nos aproxima do crepusculo do nada: caminho inevitavel!

Eu sei, que depois de cada crepusculo surge uma nova aurora, depois do tumulto a eternidade.

Que importa? Quando a borboleta do paraizo voa para as ethereas regiões, sua casca de lagarto que ahí fica, não é mais um homem, é um cadaver. Então o que é que foi? A alma.

Ter vivido que é pois? E' não ter mais que viver.

O presente é um traço de união entre o passado e o futuro: estreito bico dos dous seios terriveis da ampulheta do tempo: quando um se enche o outro se esvasia.

O que são por tanto os festejos com que recebe o homem cada anniversario de sua existencia? E' sua velhice o que elle canta, é sua morte o que elle celebra.

Insensato! conta os dias do berço: não é assim que os conta a fatalidade.

Que importa que morram os homens? Outros homens lhes succedem e continuam sua obra gigantesca.

Desde quando datam os hospitaes? Desde a parábola do Samaritano.

Os annos, que, passando por sobre a cabeça dos homens, as alvejam e despojam, consa-

gram ao contrario e fortificam as instituições e as ideias.

Jehovah não fôra o Deus terrivel, si não fora eterno; Christo não seria o unigenito do Altissimo si Jupiter existisse.

Assim cada anno que se passa sobre as instituições é mais uma garantia de existencia, um poder novo de prosperidade. E depois... um anno parece pouca cousa quando o consomem a ambição, a gloria, o poder, todas essas douradas vaidades que azitam tão fortemente o coração e o cerebro dos homens para lhes deixar somente remorsos ou saudades; mas quando se passa na obra louvavel da beneficencia, em enchugar lagrimas—o sangue feito perola—um anno é mais alguma cousa do que doze mezes: é um degrau dessa escada que viu Jacob em sonhos, entre a terra e o ceu

Rapido sobe o incenso ao trono do Eterno, o Anjo da Oração é sempre bem vindo ante a presença do seu Senhor e Pai; mas a caridade é mais alguma cousa: perfume da esperanza, azas da fé.—uma flor e um cherubim: balsa da terra e lagrimas do ceu.

Um anno de charidade!... Que muitos annos assim perpassem sobre vossa instituição: não temais que envelheça.

Quando o tempo passar por ella, a sagrará com esse respeito venerando que inspiram os anciãos: hão de dizer vossos filhos: Foi uma instituição de nossos paes; e no correr das gerações, lá ao longe no futuro, quando tiver decorrido tanto tempo, que nossos cadaveres sejam menos do que pó, nossos nomes menos do que sons, uns dispersos pelo vento, os outros esquecidos da memoria humana, que importa que se perea a data da instituição no seio do passado?

Como os montes elevados cobertos de neve no cimo, vós, seus fundadores, estareis afastados das vistas dos homens, por estar mais perto do ceu: nenhum pé pisará ali, porque é o monopolio dos raios do sol,

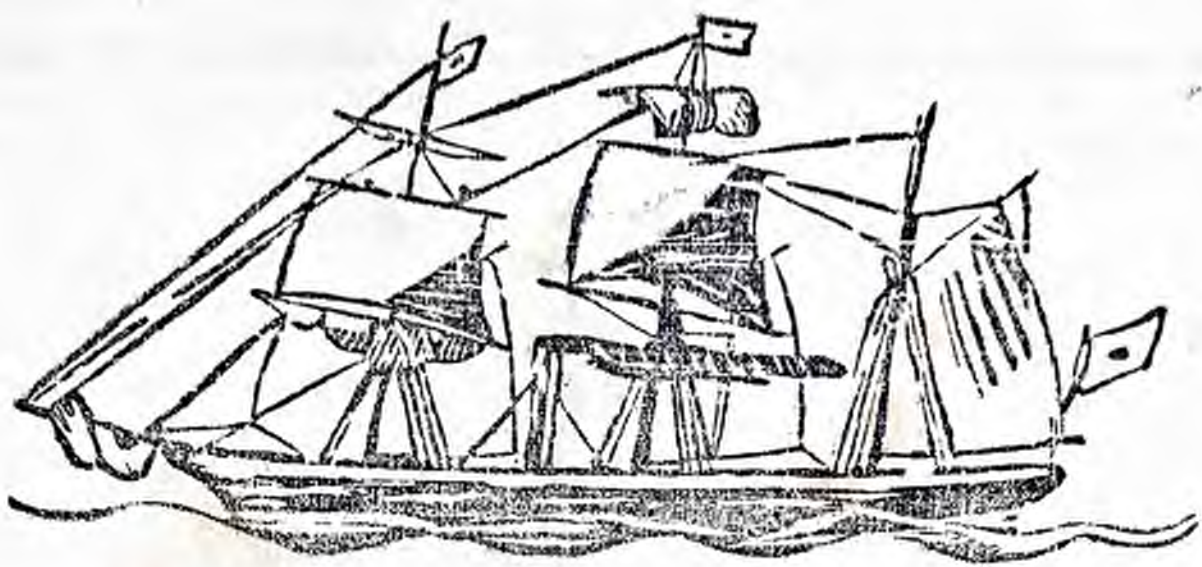
Bahia 2 de fevereiro de 1869.

B. Barreto.

Pede-se encarecidamente ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia que lance suas vistas para o logar da Cruz do Cosme, infestado por grande numero de malandros, dados a valentões e que se constituem em *administradores* das roças alheias sem authorisação de seus donos; principiando pelo *Carrinhos* e o *Daniel*.

ANNUNCIOS.

Na rua do Collegio, n.º 7, 1º andar, precisa-se uma ama de cosinha, para uma só pessoa.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Serie 47.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

16 DE FEVEREIRO DE 1869.

N. 470.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
45 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. provedor da casa da Santa Misericordia, agradecendo-lhe a resolução que tomou de mandar concertar a capellinha do hospital, a qual, pelo estado arruinado e indecente em que se achava, tornava-se impropria da morada de Deus.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Conceição da Praia, pedindo-lhe que faça acabar com um casebre de pretos escravos que ha no 1.º andar da casa n. 40, á rua da Preguiça, o qual incommoda a vizinhança á noite; aproveitando S. S. o ensejo para advertir ao inquilino da dita casa, a falta em que incorre alugando commodos a escravos, sem prévia licença de seus senhores.

—Eclipse na iluminação publica por tres noites.

—Ahi vem V.!

—Muitas ruas da freguezia da Sé estiveram apagadas sexta, sabbado e domingo.

No Cruzeiro, Travessa do Bispo, secretaria da policia até a ladeira de S. Francisco tudo era trevas.

—Mas a companhia não recebe pelos lampões apagados.

—Porem o publico, que paga, soffre.

— Parece que a policia está atacada de catalepsia!

Não desperta a tão estrondosos gritos! Não ouve esta escandalosa serie de obscenidades!

—Mas que barulho é aquelle?

—Duas *mulheres do mundo*, armadas de navalhas, fazem todo este sarceiro infernal.

—É um sujeito mettido na rascada.

—Uma chama-se Andreza Grande, a outra Umbelina Casadinha.

—A's 11 horas da noite a cidade parece um ermo! Não passa uma patrulha pelo Caminho Novo do Gravatá!

—Capitão, na rua do Collegio, duas *meninas felizes* entrudaram-se por nova forma.

—Como foi?

—Ha entre ellas rivalidades por causa de certo *commendador*, dado á *lectura dos livros*, que gosta de levar tudo á escala.

—Entendo; uma especie de padre Manuel da Hora; nada vê que não cubice.

—No domingo de entrudo, os ressentimentos cresceram e as duas contendoras se desabafaram, munindo-se de grandes vasos, d'aquelles que Bocage glosou com motte, e de parte a parte aggrederam-se com o rescedente contheudo dos mesmos.

—Como não ficariam aquellas caras mascaradas!

—Foi um regalo que deram aos narizes da vizinhança com tão aromatica essencia.

—Onde moram essas duas heroínas?

—No 1.º e 2.º andar do n. 23.

—Ellas realmente merecem um premio por tão importante descoberta, e eu vou encarregar ao Sr. subdelegado da Sé do confeccional-o na exposição da Correcção.

Á PEDIDO

—Sr. Demetrio Gallinha,
Tome um pouco de vergonha,
Lá na venda do Vieira
Com momices não se ponha.

Na porta encarapitado,
Põe-se V. todo dia...
Que o homem saia p'ra rua
Meu biltre está á espia?

Então, diz que na tal casa
V. costuma de entrar?
Pois olhe, não está livre
De um bom vergalho encontrar:

Ah bregeiro! As *tulipas*
Colhe do jardim alheio!...
E que o pegue o jardineiro
Um dia, não tem receio?

Muxingueiro, apronta a taca,
Que tens muito que fazer,
Do Maciel ao Demetrio
A relho tens de ir tanger.

—So aqui em Latronopolis se vê deste desaforo!

—O que foi, Sr. *dirigidor*?

—Uns diabos que não tem onde se aguentem, feitos officiaes da guarda nacional.

—E' a isso que V. S. chama desaforo?

—Pois não!

Em qualquer officina deste *trem de paz* que se entre, encontra-se um Sr. alferes, um Sr. tenente, um Sr. capitão!

Ora, p'ra o diabo!

Não me dirá para que artista quer ser official?

—Pelo amor de Deus, Sr. *Par-de-aranhas*, não diga isso.

Os homens são artistas, é verdade; mas não ha dezar para um official da guarda nacional em viver honestamente do trabalho de seus braços.

Mais vergonha acho eu nesses emproados, que não deixam as escadas de palacio.

Nesses vira-folhas de todos os credos.

Que hoje beijam as mãos de quem governa, e amanha cospem-lhe nas costas, quando se retira.

Nessas creaturas, que se inculcam de austeras e se mostram doces ás exigencias, por mais desarrasoadas que sejam, de quem pode.

Esses, que tendo a direcção de qualquer

estabelecimento, para satisfazerem aos caprichos de quem manda, concordam na admissão de pessoas de comportamento reconhecido pessimo, e que no dia em que o idolo cahe, atiram acintosamente os protegidos do mesmo para a rua, chamando escandalo, e que até então alcunhavam de justiça.

—Tudo isso são modos de saber viver.

—Concordo; porem o artista é que não pode ser official da guarda nacional, porque pesa ao Sr. a bocca, quando tiver de dirigir-se a qualquer, chamal-o pelo seu posto.

—O peor é que V. está muito moralizador e eu não dou nada por gente pernóstica.

—Então retiro-me; mas diga-me V. S. qual é mais honroso, o artista que trabalha para viver, ou o chefe que manda arrancar tres folhas de um livro para prejudicar a seu subalterno?

—O sermão ja vae cumprido e não estou mais disposto a ouvil-o.

—Sim, Sr., ja me vou e só lhe digo que feliz é o homem que pode fazer muitas figuras, e que por cada nova face que apresenta, recebe um *prasenteiro* osculo.

Lá da banda das Areias
O candomblé 'stá fervendo;
Nestes tres dias de entrudo
O tabaque está batendo.

Foram fechar o *balaio*
Que a quaresma vem ahi;
Foi carneiro, foi conquen,
Foi azeite, foi *obi*.

A Maria Velludinha,
Como mamãe do terreiro,
Para arranjar os preparos
Se largou p'ra lá primeiro.

Veio *mamãe* Ludovina
Que mora na Cachoeira,
Veio o *ogam* Ventura,
E o *papae* Manuel Pereira.

O vapor da Cachoeira
Que ultimamente chegou
Atupetado de gente
Aqui no caes aportou.

Trouxe Antonia das Gallinhas,
Trouxe a creoula Sabina,
Felismina das linguigas,
Senhorinha e Firmina.

Trouxe mais a Benedicta,
Tambem veio a Isidoria,
A Raymunda de S. Felix,
Rachel, Maria da Gloria.

Trouxe de Maragogipe
A creoula Ierothildes,

A veterana Ephigenia,
Alexandrina e Mathildes.

Trouxe Candida e Francisca,
E Ricarda, *bom recreio*;
Joaquina de S. Philippe
De passagem tambem veio.

Não ha hora de descanso;
A festança é noite e dia,
Todas cantam, todas dançam,
E mais augmenta a orgia.

Brazida é a immediata,
Stá em segundo lógar,
Por isso tem de ser ella
Quem lia de no boi montar.

Toda essa rapazeada
Da *cousa* apreciadora,
Anda por lá a granel
Mettidá na dubadôra.

Não ha creoula do *santo*
Que não esteja na Areia,
E muita gente abelhuda,
Embora que em tal não creia.

Não ficou *filha da casa*
Que para a festa não fosse,
Rita das vellas, Joanna,
E Leopoldina *Loucouce*.

Melania e Felicidade,
Brazilina, e Candinha,
Persiliana, e Cecilia,
Feliciania, e Martinha.

Bemvinda de S. Miguel,
Odilia, Emerenciana,
Paulina, Maria Antonia,
Josephia e Martiniana.

A Pulcheria do Moinho
Que da *cuca* faz alarde,
Por ser muito influida
Foi no sabbado de tarde.

Aproveitando o ensejo,
Diz foi *lavar a cabeça*,
O *Calombo das ombreiras*
P'ra que mal não lhe aconteça.

A Clara de S. Miguel,
Dizem que por ser rainha,
De cambraia, prefilada,
Levou rica toalhinha.

A creoula Fabiana,
Que p'ra *Valença* navega,
Desta vez mudou de rumo,
E no *cujo* um lógro prega.

Senhor, quem foi que metteu
Nisto o João do Relógio?
Como dança! E' mestrão;

Vou tecer-lhe um elogio.

Quem ha de matar o boi?
Inda não stá assentado;
Talvez seja o Zé Canastra
Q' é nisso experimentado.

(*Continúa.*)

—Capitão, o tenente Felisardo da Silva Paranhos é empregado publico?

—Para mim é novo.

—Pois eu o vi n'uma chapa para eleitores do Pilar, como tal.

—Desejo, talvez.

—Mas ninguem pode usar de titulo supposto.

—Faz favor de enxotar-se? A esperança tambem consola.

—Ah, e depois o tenente Felisardo é um moço branco e de boas qualidades.

Pode-se crer na decisão de um magistrado, que, sendo juiz em 185. . . , na vespera de dar uma sentença, em grau de recurso, mandou uma carta a uma das partes, pedindo lhe certa quantia emprestada?

A venalidade.

(Continuação do n.º 464.)

—Aspirante, vá ao porão buscar o gallego João.

—Qual delles, capitão?

—Aquelle para quem mandei o *ferreiro*, fazer a *cruz*.

—Ah, o que tem bodega na *Taboa grande*.

—Aqui-qui.

—Aqui está o animal capitão.

Repare bem V. Ex. para essa caricatura da pilhagem. E' teso como um para-raio, tem o nariz achatado, orelhas de retortas, boca de sapo, olhos de polvo, testa canina.

Padece de uma ulcera chronica na perna direita, é quebrado da virilha esquerda, tem agua no escotro e a substancia miolar quasi toda hepatisada.

O gallego João é estúpido e perverso.

Typo fiel do montanhez de Vallais, no embrutecido mariola a vida do spirito revella-se unicamente pela maldade e pelo roubo.

Na depravação de seus costumes, leva a hediondez ao auge de praguejar e maldizer-se no dia perdido, em que não commette um roubo.

Tudo lhe faz conta.

Ainda ha pouco andou por casa das autoridades por causa do um panno da costa da *Maria-Escura*, que o gavião comprara a um ratoneiro por 500 réis, tendo elle custado a sua legitima dona 3000 réis.

Ha cerca de dous mezes, deu-se um roubo no becco dos *fabricantes de tinas*. O ladrão foi um tal *Xico grande*; limpou tudo de ouro que achou na casa e foi levar ao famigerado saltador, que comprou objectos que valiam para mais de 1:500\$ réis, por 750\$ réis; dinheiro que está dando as parcellas de 10\$ e 20\$ réis, ao miseravel gatuno que se acha na cadeia.

—Que harpya!

E a policia não dá fim a semelhante scelerato!

—A policia dessa vez mexeu-se, foi ao covil do abutre, porém tarde e as más horas; ja estava tudo agazalhado.

Si houvesse mais previdencia da parte da policia, nesse dia o indomito ladravaz seria pegado com o roubo na mão, por que o *Xico grande* esteve em sua venda desde 7 até 8 horas da manhan fazendo a transacção.

(*Continúa.*)

PROVINCIA DE GOYAZ.

DESENGANO.

Chovam embora mil cartas
Cheias de doce esperanza;
Não ha de ser deputado
Augusto Ferreira França.

Goyaz inda se recorda
De sua má governança;
Não ha de ser deputado
Augusto Ferreira França.

Em Cuyabá repellido
Para Goyaz fez mudança;
Não ha de ser deputado
Augusto Ferreira França.

Nós não queremos crear
Essa engeitada creança;
Não ha de ser deputado
Augusto Ferreira França.

(*Monitor Goyano.*)

—Sr. Antonio Bechiga, faz favor?

—A's suas ordens.

—Chamei-o, para ver si me poderia fornecer apontamentos sobre a vida mysteriosa de um sujeito la para as bandas do Caes Dou-rado.

—A duvida está em eu saber quem é.

—Um desses muitos tropiantes que abundam nesta terra, o qual sem eira nem beira, e sem achar quem sie delle um ceutil, teve dinheiro para reformar a biboca.

—Nao sei quem seja.

—Um que apesar de ter um cunhado *democrata*, este nunca fez caso dello?

—Ainda não atinei.

—Um birbante que com o pouco que lhe tocou do sogro, estorou-se em pouco tempo?

—Ora dá-se!

Estou confuso!

—Ou se fazendo desentendido?

Será o amigo *refinador* quem concorre com os gastos, ou serão os continuados arranjos de *pó sacharino* que lhe fornece o *Cardeal* quando vae assaltar as alvarengas?

—Mas Sr., si eu não comprehendo á respeito de quem se trata?

—Não comprehende?

Pois eu lhe digo quem é.

E' um sujeito muito parecido com o Sr. na côr, na falla, na estatura e no traje.

Sabe agora?

(*Continúa.*)

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje o 4.º numero do *Rocambole*.

VARIÉDADES

RAZÃO DE CABO DE ESQUADRA.

—Um mancebo, acusado de ter querido matar seu pai, compareceu perante um tribunal. Interrogado pelo juiz ácerca do seu crime respondeu:

—Senhor, eu sou bom filho, mas entro este anno no recrutamento, e queria livrar-me como filho de viuva.

ANNUNCIOS.

PHARMACIA E DROGARIA

C A M A R A

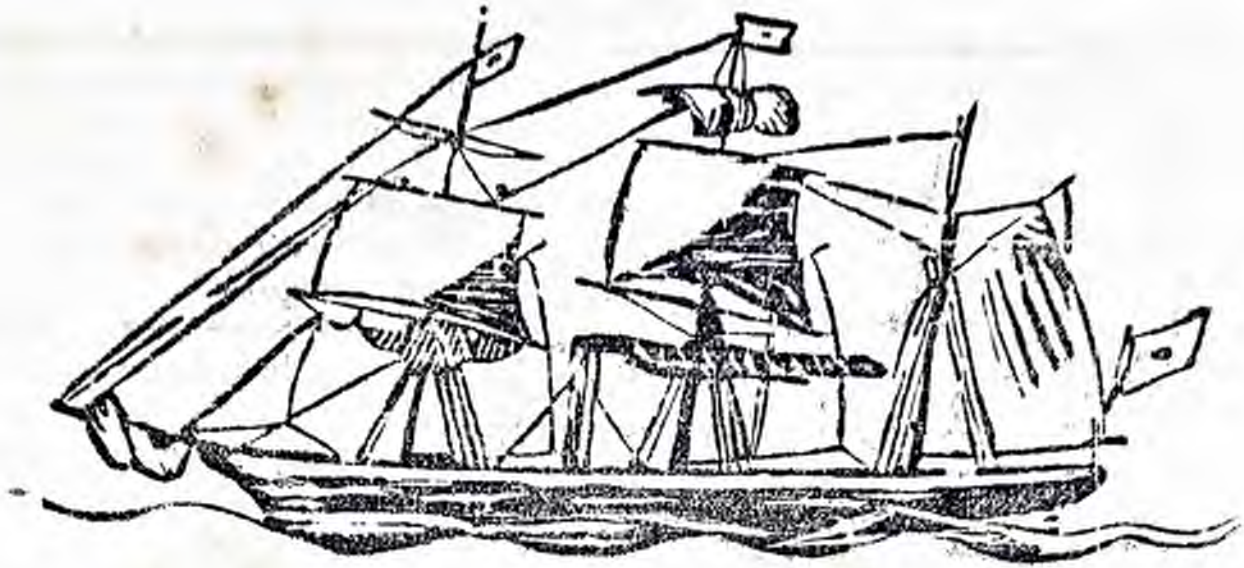
RUA DO JULIÃO, 6—H, I, J, K.

Este novo estabelecimento, montado com o maior capricho, acha-se habilitado a preparar as maiores encomendas para o que se acha em relação com importantes casas da Europa. Garante-se toda perfeição nos trabalhos e a superior qualidade das drogas.

PARA QUEM GOSTA.

Acha-se exposta a venda na loja de livros do Sr. Martin, ao largo da Praça, e na decharutos do Sr. Laurentino, a rua direita de Palucio, a nova modinha intitulada *A dor da Auzencia* de José Bruno Correia.

Na noite de 9 do corrente fugia uma mulhinha russa muito nova, e bastante ardiga, e serve tanto para cella como para cangalha, é mança que pode servir para montaria de menino; assim quem der noticia certa, ou leval-a ao Canella em casa do Sr. Luiz Pitanga, será bem recompencado.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Serie 48.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

18 DE FEVEREIRO DE 1869.

N. 471.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de feveiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. delegado do 1.º districto policial, chamando sua attenção para duas cafurnas, com apparencias de botequins, por baixo da casa que foi directoria dos estudos. á estrada da Valla, onde o incessante jogo é origem de serias desordens que muito perturbam o socego publico.

Em uma dessas bibocas, houve ha noites passadas, um alarma formidavel, do qual resultou um chuveiro de garrafadas para a rua, sendo de admirar que semelhante facto. que pela immensa gritaria despertou a attenção de tanta gente, não fosse ouvido pela policia.

Para que não continúe tão prejudicial e encommodo escandalo, pede-se a S. S. providencias.

—Capitão, dá licença?

—Não estou para masso.

—Dous minutos de attenção somente.

—Pois não os exceda.

—O trem de paz tem uma companhia de pequenos.

—Isso é mais velho que azeite e vinagre.

—Faz favor de me ouvir?

Antigamente o governo dava para cada um delles uma pataca diariamente. Com essa pa-

taca, elles comiam, bebiam, vestiam, pagavam 70\$ rs. a um mestre para lhes ensinar harmonias e no fim do anno havia uma economia de 600\$ a 700\$ rs. que eram recolhidos aos cofres publicos.

Hoje que a etapa dos pequenos está elevada a 500 rs.; o mestre de harmonias é pago pelo thesouro, o vestuario é dado pelo governo e além disso os pequenos tem ganho no espaço de dous annos 5:000\$ rs. por sua arte. Entretanto o dinheiro hoje não chega para nada!

Deve-se de generos ao negociante *Autor dos Lusidas* tres mezes de fornecimento, ao barão do *Queimado* 300\$ rs. e ao fabricante de massas, homem que não furta do seu proximo um real, 400\$ rs. alem de um desfalque, que dizem, ha de 100\$ rs.

—O que me diz a isso?

—Que o porco é filho da porca.

—Pois em outro tempo uma pataca dava para tanta cousa, e hoje que os pequenos por seu trabalho ganharam 5:000\$ rs., além de não pagarem mestre, nem comprarem roupa, cinco tostões não chega!

—Está claro que ha minestra.

—Pode ser que não. Creio até que não ha grillo.

—Mas que diabo ha então?

—Deleixo, inepeia, falta de tino, ineptidão para administrar.

—E agora o que quer V.?

—Que uma commissão fosse examinar como anda aquillo á matroca.

—Ah, isso não é commigo; é lá com o governo que se deve entender.

—Nesta epocha, em que a simplicidade occultou-se deste mundo; levar-se preso um homem nu em pellos, pelas ruas da cidade, é cousa descommunal.

—É' escandaloso/inaudito!

Mas V. viu isso?

—Ora se viu!

A policia prendeu hontem um homem que estava em ceroulas em sua casa, em S. Miguel.

Na rua rasgou-lhe esse unico traje, com que cobria aquillo que o pudor manda guardar, de sorte que o preso foi até a Correção pela forma porque andava Adão e Eva no paraizo, na idade primitiva.

—Que indecencia!

—Parece que a policia quiz fazer galardão de tão immoral espectaculo; podendo levar o homem pela Estrada Nova e Campo do Barbalho, preferiu ir com elle pelas ruas populosas da Baixa dos Sapateiros, Carmo etc. desafiando a curiosidade das familias que corriam á janella despertadas pela assuada da turba.

Ha muito tempo não vejo escandalo egual!

—E o que deu origem a tão extranha scena?

—Mora na rua da Valla, ao subir a ladeira da Poeira, um rapaz, ex-cadete do exercito; os garotos apregaram-lhe a porta á noite, de maneira que de manha, quando elle quiz sabir, não ponde.

Zangado, poz-se a arremessar pedras sobre aquelles de quem desconfiava serem authores da gracinha e que iam para defronte galhofar.

—Estava doudo.

—Porem doudo vae para o hospital e não para a Correção.

—Continúe.

—O subdelegado passou e mandou levar o homem. Eis como foi.

—Tudo isso é o menos; o mais foi o desacato á decencia e pudor publico de levarem pelas ruas de uma cidade civilisada como esta, um homem nu, á murros e trombulhões:

—Apré! Aquelle barbaro tem a figura de gente, mais as acções são de bruto!

Ha mais de duas horas a castigar atrozmente um menino!

—E que especie de castigo!

Dous carrascos a trucidarem a um tempo a victima! Um de palmatoria, outro de azorrague.

E o infeliz leva de quando em vez varançadas de ferro.

—Parece que o desalmado filho de Vulca-

no julga que está á bigorna mallando alguma barra de ferro.

—Nem por tanta gente agglomerada aqui ao principio da ladeira do Alvo, reprovando tão descommunal procedimento, o desnaturodo *señeiro* se aquieta!

—Capitão, sabe de mais uma?

—Agora.

—Anda 'por' esta cidade uma mulher vestida de homem.

—De veras?

—De veras. Uma tal Antonia, moradora á rua direita de Palacio, n'um sobrado de tres andares.

—Bom!

—A rapariga, não se contenta de transformar-se á noite; sem a menor cerimonia sahe á rua de dia em trajes masculinos.

—Si ha por ahi tantos homens que podiam andar de saia, pouco admira que uma mulher queira supprir-lhes o logar.

—Venha cá, Sr. Vicente Ferreira da Trindade.

—Obedecer a V. Ex.

—O Sr. praticou uma acção relevante.

Si não fosse a sua coadjuvação, aquelle preto do major Manuel Antonio, suicidava-se hontem na ponte da companhia Bahiana.

—Fiz meu dever.

—O desgraçado enterrou sem dó o canivete em si!

—Estava hallucinado.

—Para evitar casos semelhantes vou recommendar ao carcereiro da Correção que, quando tiver de mandar presos a qualquer destino, reviste lhe sempre os bolsos para ver si sahém armados.

—E' uma boa lembranca.

—Que endiabrado aleijado!

Bem se diz que Deus sabe por que não deu azas á cobra!

Depois de espancar horriavelmente uma mulher no Caes Dourado, trepa como um gato no telhado e de la entrincheirado, eil-o a arremessar telhas para a rua!

—Que estuporado!

—Si aquelle endemoninhado, torto dos pés, tem habilidade para tanto, o que faria si os tivesse direitos!

—O caso é que elle está dando o que fazer á policia.

Respondendo á segunda parte do appello que nos fazem os Srs. Antonio Joaquim Porphyrio Vianna e Pedro Rastelli, no *Jornal de*

hoje, temos á declarar, que'essês Srs. nunca forneceram escripto algum, nem mesmo qual-quer apontamento á respeito do arsenal de guerra, ou sobre qualquer individuo, para o Alabama.

A Redacção.

—Distribue-se hoje o 5.º número do *Ro-cambole*.

Á PEDIDO

—Capitão, commettem-se em Latronopolis roubos que passam desaperecebidos, ou para os quaes a acção da justiça é impotente; praticam-se injustiças execraveis; entretanto que seus authores andam de cabeça alçada afrontando a moralidade publica e escarnecendo da fraqueza e da desgraça.

Quer V. Ex. ouvir a historia de uma infame escamotage, de um roubo crasso que se acaba de praticar com uma pobre viuva?

—Porque não?

—Pois ouça.

Em 1856, mais ou menos, existiam na *enfermaria da sancta casa da compaixão* varias familias, compostas de enfermeiros casados com recolhidas da mesma *sancta casa*, que tambem abi eram empregadas.

Essas familias viviam em commun.

Algumas dellas, ja tinham filhos em estado de casar.

Em uma noite, *Zuli Antonio Pé de Pinho*, filho, de *Jacinto Pé de Pinho*, deflorou duas moças filhas de *Xico de Paula* e *Anselmo de Tal*, companheiros de trabalho do pae do seductor.

Os dous paes, offendidos em sua honra, recorreram á authoridade e foi decidido que *Zuli* casasse com a de menor idade, uma menina de nome *Celicia Maria*, nascida no dia da *natividade*.

Zuli, era rapaz de caracter depravado, dando a deboches e de costumes corrompidos; não podia por tanto ser bom esposo, principalmente tendo sido seu consorcio contra sua vontade e somente occasionado pelas occurrencias, a que deram logar sua torpe lubricidade.

Não vem ao caso narrar aqui os desgostos e afflicções que laceraram o coração de *Celicia*, o trato endúrecido que lhe prodigalisou seu esposo, basta dizer, que depois de algum tempo de torturas e soffrimentos, o ingrato abandonou-a e retirou-se para a provincia do *Spirito Mau* e dahi transportou-se para a do *Pará la*.

A infeliz victima de sua devassidão voltou para a companhia de seu pae.

Correm os annos, e para cumulo de infortunio, *Xico de Paula*, o pae da desditosa e abandonada esposa, morre; ficando ella so, desamparada e sem abrigo no mundo.

(Continúa.)

—Capitão, conhece aquelle sujeito?

—Qual, o de barbas brancas?

—Sim.

—Não conheço.

—E' um celebre dançarino.

—Ven dar algum beneficio no theatro?

—Qual, Sr.! elle já deu um beneficio, mas foi em sua propria casa.

Não se lembra de uma comedia que houve em uma casa que era ao mesmo tempo salão de bailes e casa de educação?

—Lembro-me; por signal que os comediantes foram tres estudantes de parceria com algumas jovens.

—Pois é este sujeito o dançarino de collegio; quero dizer, que ensina a dançar.

—Aqui mesmo em Latronopolis?

—Aqui mesmo, e em collegio de meninas.

—Misericordia! pois um homem desmoralizado e impudico, que não velou pelo que tinha obrigação de zelar, antes concorreu para o mal, ainda acha quem o chame para ensinar em collegio, principalmente de meninas?

—Esses são os preferidos.

—E os directores sabem disso?

—Devem saber; mas é que estão tão cuchados de empenhos dos patricios do cujo, que não teem remedio sinão ceder.

—E' bem mau isso: eu, si tivesse, filhas tirava-as de um collegio que tivesse um mestre nestas condições; e estou certo que os paes não sabem; si soubessem não consentiriam que suas filhinhas aprendessem com um homem que perdeu a reputação e criterio.

—Era melhor que elle fosse para Cachoeira trabalhar pelo officio de alfaiate, do que estar aqui, sem pudor algum, depois de uma occurrencia tão vergonhosa, como a de que foi theatro a casa delle, e cujo principal personagem foi elle proprio.

Agora anda inculcando o filho, o proprio que contribuiu para o desfecho de tão escandaloso facto, e que é accusado de seduzir uma moça na casa do pae, em um baile do costume, com a qual foi obrigado a casar.

—Misericordia! valha-me *S. Quirino*! Basta, não me conto mais immoralidades e devassidões; diga-me só o nome do cujo.

—Eu não sei.

—Pois V. que dá sota e bastos de tudo, não o conhece!

—Não.

—E' preciso que o *administrador* dos estudos saiba disto, pois um homem de tal natureza e costumes, não pode ser mestre; creio que a lei da instrução prohibe.

—Eu acho melhor que V. Ex. mande o muxingueiro dar-lhe umas quinhentas calabrotadas, e depois de metter a cara do ilheu na cloaca do navio, jogal-o no porão com dous machos aos pés.

CONVERSA DO MARINHEIRO E DO SOLDADO.

M.—Então camarada, como tem ido com a sua empresa?

S.—Muito mal; o velho não toma juizo; cada vez está peor.

M.—Pois com as calabrotadas não se emendou!

S.—Qual!

M.—Acho bom que lhe rape a cabeça e deite-lhe um caustico na nuca.

S.—Estou vendo que tomo o seu concelho, e vou tratar de pegal-o para leval-o para o hospital da Misericordia para se lhe applicar a cadeira de força.

M.—V. ja ia se esquecendo de me contar mais algumas cousas que elle tem feito.

S.—Eu lhe conto uma scena muito interessante. Na terça-feira, dia da festa de S. Domingos, estando eu na venda, onde elle se põe a chocar, a moça ia sahindo em uma cadeira, quando elle vinha subindo o Maciel, foi avistando a namorada e ficou como doudo e logo acompanhou a cadeira, a ponto da moça andar acima e abaixo sem saber que fizesse para se livrar da furia.

M.—Este velho é casado, ou não?

S.—E'

M.—E como faz todas estas cousas publicamente!

S.—O velho ja perdeu a vergonha, assenta que tudo isto é agrado.

M.—Que diabo de agrado é este? Pois tomando os trastes e até a propria area, como V. me disse, que a roupa da moça está em trouxas pelo chão, por causa de 65\$? Coitada!

S.—E outra cousa mais que V. não sabe. anda quebrando as vidraças e deitando barris de *cousa porca* na porta da namorada, como aconteceu quando ella morou na rua do Collegio, que o portador da encomenda errou a portae foi deitar na porta onde ha um pé de Oliveira.

M.—Então estou vendo que o tal velho é doudo e bem doudo.

S.—Agora, é que V. sabedisso? E' tão doudo que até diz que não faz caso d'autoridades.

M.—Mas este velho não tem medo de perder o lugar?

S.—Qual; fica empregado em lugar de carimbo, em um novo emprego creado por elle que é dos amores.

M.—Esse velho antes pegasse em umas contas e fosse encomendar-se a Deus e deixasse de ser namorador.

S.—Mas o velho ainda diz que está com o sangue na guelra.

M.—Deixe o maluco fallar. Ia me esquecendo de lhe perguntar si elle tambem, pelas calabrotadas que eu lhe dei, deitará demanda conmigo?

S.—E' bem capaz.

M.—Elle que venha para cá, que, quando o apanhar a bordo, alem das calabrotadas levará tambem um par de machos aos pés no porão do *Alabama*, a tripulação é boa para isto.

S.—La vem um velho, será elle? é elle mesmo.

M.—Coitado! ja está na idade de caducar. Mas saiamos daqui, veja a defeza que o Justino está fazendo ao carranca; «Nesta bendá, camaradas, não quero que Vv. me fallem mais de meu freguez, que é exacto tudo isto que Vv. dizem; porém não me espante o meu belhodos amores e mesmo gosto de meu bello que sabe apreciar que cousas são amores.

M.—Adeus, até outro dia.

S.—Porem venha cá, V. quer comprar uma divida d'elle?

M.—De quanto é esta divida?

S.—De 28\$ rs.

M.—A quem elle deve?

S.—Ao Januario, no Pelourinho.

M.—Conheço muito, é o meu freguez de sapatos.

S.—Pois bem, ficamos certos.

M.—Já que V. me quer vender a divida tambem quero arrematar os trastes, e quero saber onde existem elles.

S.—Em casa d'elle, porem elle tem se servido nos bailes pastoris.

M.—Pois elle tambem faz bailes!

S.—Não, mais aluga a salla para esse fim, e por 10\$000 rs.

M.—Que velho sem pejo este!

S.—Tem o descoco de appellidar-se *beija a mim* e nega que quando esteve nos *vallasques*, foi processado e quasi perde o lugar do carimbo por causa dos grillos que la fez.

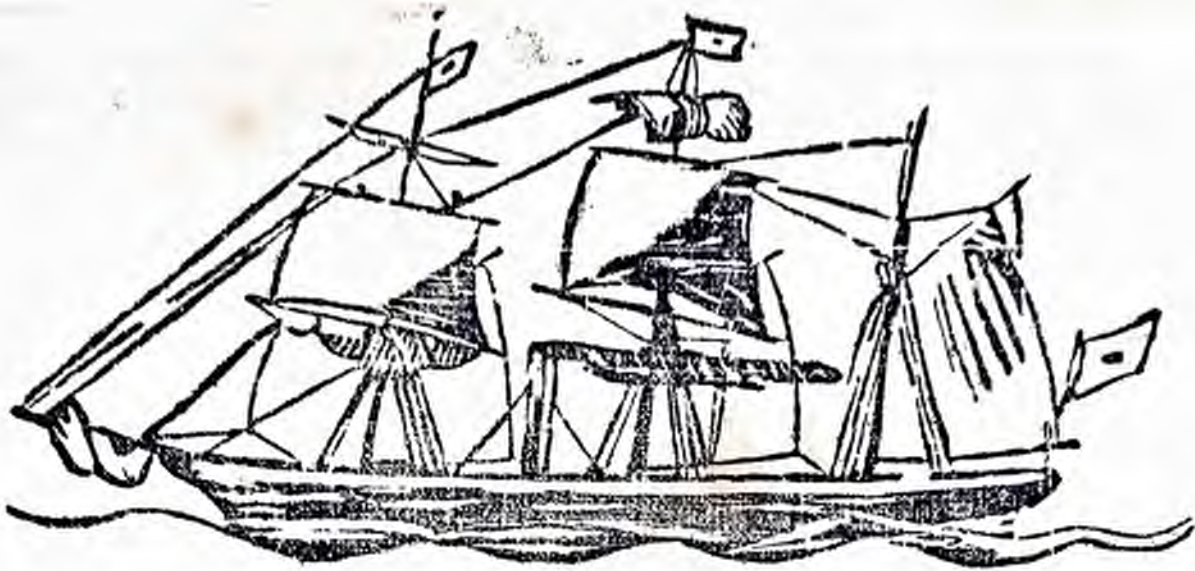
M.—Irra que velhaça!

Elles que indaguem.

(*Continua.*)

ANNUNCIOS.

Na Quitandinha do Capim, casa n.º 9, vende-se uma harmonica nova com oito registros proprios para igreja ou capella.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 47.

Serie 48.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

23 DE FEVEREIRO DE 1869.

Ns. 472 e 473.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
22 de feveiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, participando-lhe que no principio do Caminho Novo se reune á noite uma sucia de capadócios a tocar violão e fazer algazarra. Alguns da pandega, apezar de libertos, andam descalços, para não serem recrutados e entre esses existe um de mãos aleijadas somente para trabalhar; pelo que cumpre que S. S. tome acertadas providencias, afim de que sejam capturados e lhes dê o destino que a S. S. não é extranho.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Santo Antonio.—Tendo sido raptada na noite de sexta feira 19, a menor de 13 annos, Izabel, de uma casa visinha da matriz dessa freguezia, torna-se de restricta e urgente necessidade que S. S. proceda a respeito deste negocio severa e energicamente, não só pela gravidade do facto, como pelo escandalo que elle em si envolve

Consta que a menor fôra seduzida por um ajudante de padre, e roubada de combinação com tres influentes dessa freguezia, os quaes abriram sociedade. Foi conduzida para a rua dos Ossos e dahi, dizem, tem corrido tres freguezias, o que parece é espalhado de proposito para evitar a acção da justiça.

A' vista do que fica dito, confia-se que S. S. procederá de maneira que a lei não fique menoscabada.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, participando-lhe que no domingo pela manhan ouviam-se gritos de aqui-d'el-rei dentro da venda Estrella do Norte. Pedese a S. S. que trate de syndicar do dono da referida venda, sobre o facto, porque, consta, ter sido o caixeiro da mesma que espancara á um moleque. Espera-se providencias a respeito.

—Sabe?

—Vá dizendo.

—A praça de palacio vae tornar-se uma praça modelo; o foco da civilisação da Bahia.

—Estimo muito.

—Ora faça V. idéia quando estiver assentada a zorra ou guindaste do Sr. Lacerda, e que ali se reunir uma chusma de africanos ganhadores, pretas a vender carurus e adoblos, lotes de burros de conducção, uma vzeria immensa, que bonito quadro não será!

—Eu logo vi que V. ia sahir-se com uma das suas!

Na verdade, o lugar não é o mais proprio para aquella especie de quitanda; mas que quer? manda quem pode.

—Que fim levou á policia?

—Anda ahi.

—Mas ninguem a vê.

—Ahi é que está a vantagem della.

A l'ba policia, é aquella que sem fazer espalhafato apparece em toda parte, e que sem se fazer sentir, prevê tudo.

—Pois é o que não se dá.

As proprias senhoras são atacadas e desfeiteadas na rua com o sol claro.

Hontem, ás 5 horas da tarde, uma moça bem trajada, foi atacada na rua dos Capitães, e espancada por um capadocio, que queria por força que ella lhe dêsse ouvidos.

O sujeito, um tal Lulú, santeiro do Taboão, rasgou-a, quebrou-lhe o guarda-sol, rompeu-lhe o bonet, espatifou-lhe as pulseiras e alfinetes e foi-se muito lampreiro.

—Alto lá! Quanto a isso não, que estou ao facto do caso. A moça queixou-se ao subdelegado da Sé e estou certo que elle fará o seu dever.

—Não sabia disso.

Pois vamos a esperar.

—Desabou, na quinta-feira á tarde, o trapiche de carvão de pedra, que fica fronteiro a egreja do Pilar.

—Casa velha.

—Não foi só por ser velha, acresce mais que depositaram um pezo enorme de carvão sobre o soallio, o qual fez desabar toda a casa.

—Misericordia! Morreram os pretos esmagados.

—Por milagre da Providencia tinham sahido n'aquelle momento para ir a ponte para descarregar carvão.

—Valho-nos isso! Infeliz dos homens, si o Altissimo não velasse sobre elles!

—Então foi na quarta-feira apreciar os espectros *impalpaveis*, descoberta Mr. Shlosser?

—Infelizmente. Bem palpavel que foi meu cobre no bolso do tal industrial.

—Dizem que levou uma terrivel pateada.

—Não vi nada em vista do logro que elle pregou no publico.

—Eu logo vi que ali existia consoa, desde que elle não quiz vender bilhetes de camarote de terceira ordem, torrinhãs e varandas.

—E depois, o desaforo delle levantar os preços dos bilhetes.

—Mas elle não tem culpa, culpa tem a policia em consentir n'isso.

—Esses estrangeiros entendem que isso aqui é uma tapera, onde elles podem bigodear o respeitavel publico.

—Agora quem é o causador de tudo isso?

E' o governo que, vendo este sujeito, que andou aqui e no Rio de Janeiro, tirando calos sem dor...

—Calo pregou elle no publico.

—.... cedeu-lhe o theatro, por um simples pedido seu, para vel-o extorquir o suor alheio.

—Si fosse um pobre artista chefe de familia, que lhe pedisse o theatro para dar um beneficio, tinha logo em sua petição o prompto despacho:—*Não tem logar.*

—Mas aqui, em minha terra, protege-se e o estrangeiro com prejuizo dos nacionaes!

—Milagres de S. Lourenço!

—Então o aceio da cidade está á cargo da camara?

—Do fim do mez em diante.

—Mas creio que ha *perlenga*.

—Eu o que ouvi rosnar é que a camara pretende cobrar do povo os decantados 500 réis mensaes.

—Estréa bem, si fizer isso!

—Mesmo que é preciso um contrapezo ao gravame dos impostos de que se acha sobrecarregado este feliz povo.

—E minorar por esse meio os vexames da carestia dos generos e outras difficuldades que o acabrunham.

—Esses accendedores do gaz são chegados aos extremos. Ou tudo ou nada.

O do Terreiro, accendeu os lampeões na sexta-feira, ás 6 horas e meia da tarde!

—V. sabe si o homem queria se aviar para a procissão?

—Sr. Cal, isto não está direito!

Vmc. tirar um guarda do batalhão dos *pitús* para *alacaiar* sua familia na procissão de Senhor dos Passos!

—Sou official do corpo, estou no meu direito.

—Deixe de parxolice, rapaz, os guardas são para o serviço publico e não para andarem atraz da familia de qualquer *quidam*, por mais *cathegoria* que elle tenha.

—Na sexta feira, á noite, houve um *trun-dun-dun* no hospital.

—As irmans de charidade que brigaram?

—Deixe as *santas* mulheres, senhor.

—Não diz que houve desordem?

Então foram os doentes.

—Foi na guarda que rolou porretada a valer.

—Ah, nem me lembrava! Então os rapazes fizeram *consoada larga*?

—*Jantaram bem*, á custa de um, de quem desapareceu 500 rs., e dahi partiu a rixa.

—Que boa gente!

—*Espirituosa*, lho chamo eu.

—A loja da casa que servo de secretaria a o commando superior está em estado decadente.

Que porcaria!

—Tambem fazem d'ella estrebaria. Quem vae a praça deposita seu cavallo alli.

—É muita gente alluvia o peso de certa necessidade.

—Ora deixe estar, que eu heide chamar a attenção do commandante superior para isso.

—Capitão, consta-me que foram roubados dez saccoes de assucar do trapiche 2.º Xixi.

—E' sempre queixas de roubos de assucar! Olhe que aquelle Xixi, aquelle Xixi!...

—Nestes grilos anda gente de colarinho em pé.

Eu prometto a V. Ex fornecer-lhe todos os dados relativos aos grilos do assucar no Xixi.

—E eu prompto a recebel-os.

—Capitão, no domingo, as 11 1/2 horas da noite, um sujeito que se dizia capitão do 5.º batalhão, e que se *deleitava* no botequim do João Gualberto, *turrou* com um guarda do mesmo corpo, e deu-lhe voz de prisão.

Uma baderna de capadocios que estavam sentados nas escadinhas da egreja da Sé, tomou o partido do guarda, e este resistiu á prisão.

Accodiram algumas praças do mesmo corpo, de guarda em palacio, em soccorro de seu companheiro, protestando que morreriam aonde elle morresse.

Os soldados de policia que estavam dentro do botequim *brincando* vispora, chegam tambem.

O tal capitão, agarra o guarda á quem elle tinha dado a voz de prisão pelagola da blusa.

O guarda brada que elle lhe tinha rompido a blusa e que lhe havia pagar outra, sob pena de ir nú para a casa.

Neste paga não paga, está preso não está, seguraram no capitão, e puzeram toda roupa que elle trazia no corpo em tiras, dando-lhe um delles um pontapé e atirando-o de peitos sobre o passeio.

O pobre capitão quando levantou-se largou a correr, e os guardas e mais capadocios a fraz delle a patearem-no.

—Tudo isso é occasionado pelo tal vispora, que se joga até as tantas da noite e onde muitas desordens são originadas.

—Desordens que o Sr. Dr. Pedro d'Abreu, quando foi delegado, estando ali tão perto, nunca ouviu.

—Mas é porque os taes guardas do 5.º andam tambem de costas quentes, por que depois do barulho vieram sentar-se de novo nas

escadinhas, blasonando que nada lhes havia acontecer!

—Em que terra estamos nós, meu Deus! Tudo se hade ver aqui!

COUSA DURA DE SOFFRER-SE.

O pobresinho á quem coube em sorte, talvez para purgar velhos peccaços, uma mulher ciumenta, dengosa, cheia de fanequitos e desejos, uma mulher finalmente, que deseja saber a razão porque o pai dos filhos recolheu-se as ave-marias, ou porque passou por esta ou aquella rua, tem um optimo purgatorio, e muito peor do que quantas tizanas por ali existem boas de levar.

Digna de lastima é sua sorte, e bem pode chorar na cama, logar de quenturas.

Os que assim o veem, se compadecem, e ainda que lamentem sua sorte, comtudo se calam com a lembrança de que, depois de um pouco de ciume, lá apparecem bem bons momentos...

Mas, o que é mais duro de soffrer-se e menos de digerir para os circumstantes, oh! por certo, é um menino malcreado, ou antes perdido pelas muitas vontades que lhe fazem.

Si acontece apparecer em casa uma visita, é rico ver-se o que não faz um tal yoyo Fradinho tão engraçadinho, tão spirituoso, que para não mais dizer, é capaz de afugentar mil visitas, que não uma.

A' um tal conhecemos que, por mera gracinha, ou antes passa-tempo, tanto buliu e eseravatou n'um anel d'uma tafula Dona que á casa de seus paes tinha ido, que afinal arrancou o brilhante que ali estava engastado, e que, calindo, se foi sumir n'uma grêta do soalho.

—Menino! gritou d'um lado a mãe; elle escafedeu-se correndo, e apenas para justificar a bella acção digna de boas sipoadas, continuou a mãe de tal amorsinho:

—Olhe que é um ver!.. já não posso com tal traquinas!

A misera da visita, cuja ancia do coração mal se sabe com que estava, apenas riu-se; mas, que riso!

Um outro, inda mais engraçadinho, uma noite accordou n'um berreiro, á querer um caniveto, que n'aquelle dia tinha visto em casa do visinho.

Chorou... chorou; e á final não houve remedio sinão o bolas do pai, sahir com boa porção do frio pelo focinho, e ir accordar o seu visinho para expor-lhe o desejo do menino que não se queria accommodar.

Haverá quem ature tal? e não é peor um

traste d'estes, do que quanta ciumenta por ahí ha?

Pois bem, á um caçageste d'estes malcreados, se lembrou seu bello pai, de mandar-nos (gratuitamente) fazer-nos uma visita!

Ja nos vimos em collicas um dia!

Entrou-nos pela sala, fazendo cabriolas, fallando, em tudo bolindo, e á final desejou umas figurinhas que viu sobre as mezas, e nós, misero paciente, não tivemos remedio sinão cumprir o desejo do yoyosinho; e inda hoje rendemos graças á Deus de haver-nos livrado de semelhante praga, que a durar-nos um dia em casa, nos traria mais estragos do que as do Egypto.

Quem tiver pois filhos *tão bem educados*, que os ature.

Que um pae sem forças para corrigir seus filhos, os soffra é justo, já que lhes causa prazer; mas que os envie para casa dos outros.. nada, nada, é bem que só desejaremos aos nossos inimigos.

P'ra lá sinhô,
Vá chorá p'ra lá.

— Os americanos são ferteis em invenções!

Aqui está uma que não deixa nada a desejar.

MELANCIA ESTUPENDA. — Lê-se no *Correio dos Estados-Unidos*:

«Os numerosos commensaes que jantavam á meza redonda de uma das principaes hospedarias do Brownsville (Tennessee) presenciaram um factó, que parecia iacriavel, si não fosse affirmado por dez pessoas dignas de todo o credito.

«Um viajante ia partir uma melancia, mas ao metter a faca no cucurbitaceo ouviu-se um silvo agudo.

«Os circumstantes assustados, olharam uns para os outros.

«O partidór da melancia hesitou a levar ao cabo a sua obra, e pediu ao vizinho que tinha ao lado que continuasse, mas elle recusou pertinazmente encarregar-se de tão delicada operação. Finalmente incitado pelos gracejos dos assistentes, que julgavam que havia naquillo alguma illusão de ventríloco, abriu a melancia de alto abaixo e cahiu desmaiado nos braços de uma senhora, que lhe ficava ao pé, a qual teve em seguida um forte ataque de nervos.

«Havia motivo para tudo isto. O interior da melancia servia de toca a uma enorme serpente enroscada em spiral. O monstro estendeu-se pela meza fóra, *querens quem devoret*, procurando devorar alguem. Felizmente embarçava-lhe os movimentos a faca com que fora aberta a melancia, e que lhe ficou

profundamente cravada no olho esquerdo. A esta circumstancia foi devido não haver alguma catastrophe a lastimar. Um commensal, sacrificando-se para a salvação commum, teve o arrojo de lançar mão da faca e carregar nella com toda a sua força, conseguindo assim suster a cabeça do animal.

«Os outros, tornando a si do pasmo em que estavam prestaram-lhe auxilio, uns com reolvers, outros com garfos e facas. N'um momento a serpente passou da vida para a morte. Tinha de cumprimento 24 pés e 3 polegadas e meia, o que já é uma boa estatura para uma serpente que escolheu uma melancia para morada e achou meio de se introduzir nella sem deixar na casca vistigio de arrombamento, problema que ha de dar muito que pensar aos sabios.

«Um dos nossos compatriotas, que estava á meza, quando aconteceu esta singular aventura, comprou a serpente e mandou-a empalhar para fazer della exposiçáo em New-York.»

LA VAE VERSO

MOTTE

GLOZADO ENTRE O PADRE BUGIA E O DR. ZUMPA.

O prazer da companhia.

Doutor. — Estou fraco sem sustancia,
Vou tomar caldos de gia,
Para ver si assim comsigo
O prazer da companhia.

Leite e ovos ca p'ra mim
As cascas p'ra minha tia
Ella é velha, ja não goza
O prazer da companhia.

Padre. — Dona Anna canta modinhas,
Parece um gato que mia,
Causa somno, faz sumir-se
O prazer da companhia.

Doutor. — Nada de personalidades; gosto
disto mais generico,
Nas barrigas das mulheres
E' onde a gente se cria,
Pois é nellas que consiste
O prazer da companhia.

A cachaca em outro tempo,
Bem pouca gente bebia,
Hoje muitos fazem dellas
O prazer da companhia.

Padre. — A creoula Marcellina
Por toda parte me espia;
E' cruel, não quer que eu goze
O prazer da companhia.

Mas que quer, si a tentaçáo
Tem no corpo tal magia,

Que nella somente eu vejo
O prazer da companhia?

Não gosto da Cassiana
Por ter bunda de cutia,
Seus agrados não despertam.
O prazer da companhia.

Doutor.—V. Reym. será primo do Ze Monteiro, do theatro? Tem tanta facilidade nos versos! Pois agora tome a minha

Em protesto de mulheres
De veras ninguem se fie,
Pois perturbam com ciumes
O prazer da companhia.

Padre.—Bravo! bravo! Ouça o remate:

Passei na porta da Clara
N'uma hora em que chuvia;
Fui desfructar junto della
O prazer da companhia

A ambição que andou corrida,
Um tempo (qualquer que seja)
Refugiou-se na egreja;
Foi alli bem recebida,
E' em toda acção ouvida,
E a primeira consultada.....

Vendo paga adiantada,
Ou ao menos bem segura,
Profana a acção mais pura,
Vende a cousa mais sagrada;

Eu não sei em que consiste
O que chamam branquidade!
Si na cor, si na entidade,
Ou si tem outro algum chisto,
Si monarchas nunca viste
Sabes si elles brancos são?
Os brancos em conclusão
Levam bispotes ao mar;
Por ladrões vão a enforecar;
Onde está ser branco então?

Onde está o ser branco então?
Não busques no exterior,
Que o accidente da cor
Não é que dá distincção;
Prescruta o seu coração,
Vê si tem uma alma nobre,
Genio illustre, inda que pobre,
Acções de homens de bem;
Si nada disto elle tem,
E' negro por mais que obre.

Eu vejo um branco de bem
Dentro de uma carruagem,
Na trazeira leva um pagem
E este é branco tambem;
Não me dirá, pois, alguem
Onde está a distincção?
Ambos elles brancos são,

O de dentro e o da trazeira;
Não se dá maior asneira.....
Onde está o ser branco então?
Onde está o ser branco então?
Dentro d'alma estão os dotes;
Ha reis pretos, sacerdotes
Grandes, em toda a nação:
Mostra a prata branquidão
O ouro fusco é mais nobre;
A cor é um veu que encobre
Bons e maus; o sangue é igual;
Quem põe nelle o essencial;
E' negro por mais que obre.

E' branco o papa e o rei,
Fidalgo, duque, plebeu,
O mouro, o indio, o judeu,
O pastor que guarda a grei;
Tapuia é branco por lei;
Os carrascos brancos são;
Marquez, criado e vilão,
Mochilas e mariolas
E' branco tudo... Ora bolas!
Onde está o ser branco então?

Á PEDIDO

—Capitão, supponha V. Ex.....

—Ah, ja vem com supposições?

—Sim, para depois apresentar-lhe um facto.

—Ora vá la essa bambochata.

—Supponha que em Latronopolis, como na Bahia, ha uma rua chamada de S. Francisco de Paula; que nessa rua onde ha um pé de *espinheiro* mora uma familia a quem está confiada uma moça filha das *ilhas pequenas*.

Supponha que um official da policia de Latronopolis, indo destacado para as *ilhas pequenas*, viu la a moça e gostou della;

Que, passados tempos, sabendo que a moça estava em Latronopolis em casa da dita familia, apresentou-se ahi n'um bello dia dizendo que ia, a mandado de certo Dr., pedir para que a moça fosse passar tres dias com a familia do mesmo;

Que a familia de S. Francisco de Paula, sabendo das relações que haviam entre os parentes da moça e a familia do Dr. quando esteve nas *ilhas pequenas*, annuiu, mas que, por precaução, mandasse uma preta acompanhá-la;

Que o official da policia em vez de conduzir a moça para casa do doutor, em nome do qual a tinha ido buscar, a levasse para sua casa;

Que a preta admirada disso, corresse a participar a sua senhora o occorrido.

Que em resultado descoberto a trama se viesse a saber que o official abusou torpemente do nome do doutor para seduzir a moça levando-a para sua casa;

Ora, suppondo que tudo isso fosse real e acontecido ha tres dias, o que faria V. Ex?

—Demettia o official immediatamente.

—Mas, supponha ainda que o official era da privança do governador, e até seu *ajudante* de campo?

Ainda mais depressa o demetteria, porque o governo deve se cercar de gente moralisada.

—Ah, V. Ex. pensa assim?

—Que duvida!

—Pois eu creio que, em Latronopolis, o official que praticasse isso, em lugar de censura, teria um elogio.

—Ha mysterio por aqui!

—Não lhe pareça!

—Aquelles vultos que vão e vem, depositam o quer que seja em baixo da *amoreira* plantada no alto daquella *rocha*.

—Si tivessemos algum combustivel, ainda que fosse *carvão de pedra*, fariamos uma fogueira, para ver o que era.

—Quem nos podia fornecer eram aquelles pretos da *chalupa* do *Antoniquinho* de *Mello Brandinho*.

—Mas si é de lá que os vultos vêm?

—Tem razão. Então retiremo-nos que são 11 horas e tanto e daqui a pouco é 26 de janeiro.

(Continuação.)

—Capitão, passados alguns annos surgiu a *guerra do sul* e o esposo de *Celicia* alistou-se nas fileiras de um corpo que *voluntariamente* ia defender sua *patria*.

Na refrega de um combate, cahiu mortalmente ferido e antes de expirar declarou que era casado, e pediu que entregassem o que lhe pertencia á sua esposa.

—Era o arrependimento da hora suprema.

—Na esquadra, havia um *herbolario* irmão do morto, de nome *Leftino*.

Este escreveu ao pai dando a triste nova e pedindo á viuva procuração para poder recolher os espolios de seu marido.

A viuva de nada soube.

Um dia, porém, corria o mez de setembro de 1867, viu apparecer em sua porta o Dr. *Lonelis Filho do filho*, procurando-a com grande empenho.

O Dr. mostrou-se interessadissimo pela sorte da viuva, conversou largamente, deplorou as privações que ella soffria e concluiu promettendo tomar a si o cuidado de procu-

rar alliviar-lhe o peso do infortunio, para o que se tornava necessario que ella lhe passasse uma procuração.

E a incauta mulher acreditou que eram sinceras essas promessas e chegou a capacitar-se que aquillo era um linitivo que se lhe deparava a seus males.

O astuto Dr. ja vinha preparado, puxou do bolso uma procuração e a ingenua senhora assignou-a.

—Que cavalheiro de industria!

—Realizando seu intento, sahio da casa da viuva contente, vendo que seu plano de rapinagem não falhava.

Antes de sahir, porém, prometteu á viuva voltar dahi á dias para dar conta do resultado.

Essa promessa, apenas elle transpoz o limiar, foi esquecida, porque so voltou na véspera de natal.

(Continúa.)

—Misericordia, capitão!

—O que viu, homem?

—Olhe uma *onça*, capitão.

Fujamos!

—V. está sonhando.

—Veja ali. Tem malhas douradas que parecem *agaloadas*.

—Mas qu' é de ella?

Não a vejo.

—Repare, la barafustou por uma *fresta do trem de paz*.

—Forte manicaca!

—V. Ex. duvida?

Ha muito que eu vejo dizer que anda por estas immediações uma *onça*, e até que um *pequeno* de nome *João* levou o *buzio*.

—Vá p'ra lá, homem!

—Diga V. Ex. o que quizer, a fera entrou, e, si apanhar algum *menor* desgarrado, é capaz de *devoral-o*.

—Bobo, V. não vê que si realmente penetrasse alguma *onça no trem de paz* é uma hora da *noite* e os meninos estão deitados?

—Assim mesmo correm risco.

—Em sua esquentada imaginação.

Sr. *Guilherme*, marque mais esta em seu caderno. Este fobas do *Souza* sahindo comnosco á observações na *noite de 8*, quasi barra as ceroulas por ver um vulto que entrou no *trem de paz* e que elle julgou ser uma *onça*.

PARA DEPUTADOS PROVINCIAES NA PROXIMA ELEIÇÃO.

1 Dr. José Luiz d'Ameida Couto.

2 Dr. Antonio Euzebio Gonçalves de Almeida.

- 3 Dr. Pedro Antonio de Oliveira Botelho.
- 4 Major Antonio de Souza Vieira.
- 5 Dr. Gustavo Adolpho de Sá.
- 6 Dr. Antonio Garcia Pacheco Brandão.

Um amigo do merito.

—O *Universal* inculca-se de muito recto e faz disto:

Embirrou a semana passada com os pobres farinhaes de *Valença* por exporem a venda o seu genero em frente a ponte da *companhia* que sendo inglêza, chamam da Bahia.

—Entretanto ha muito que elle vê os homens alli nas terças feiras á vender farinha:

—Mas não olha uma porção de madeiras e cascos em frente do armazem do *Aza-Preta*;

Não vê o entulho de tijollos e madeiras que existe em frente do armazem do sujeito que tem *companhia* em *Guimarães*;

Ainda não encherrou uma immensalidade de caixões vasillos e de paus em frente do armazem que vae em *progresso*;

Não vê telhas e tijollos tomando a frente do armazem do cujo que se faz de *bernardo* para passar.

Não vê o tulheiro de pedra, que está á toa em frente de um *armazem*, a qual si não se tem *furtado*, é por que não querem.

E assim por de mais.

PARA DEPUTADOS GERAES PELO 1.º DISTRICTO.

- 1 Dr. Pedro Eunapio Deitô.
- 2 Francisso Justiniano Castro Rabello.

Um conservador independente.

PARA DEPUTADOS GERAES PELO 1.º DISTRICTO.

- 1 Marechal de campo Alexandre Gomes de Argollo Ferrão.
- 2 Dr. Marcolino de Moura Albuquerque.

—Quando se quer fazer as cousas, é assim!

Nesta terra, ningueu conhece o direito nem o avesso!

A razão está sempre do lado de quem tem padrinho,

Culpado só é quem não tem protecção.

Aqui, quando se quer proteger, é cegamente; quando se quer perseguir, não se guardam considerações.

Do mais leve indicio forja-se um processo, ao passo que absolvem-se grandes e reconhecidos criminosos!

Ora attenda-se bem para o seguinte facto:

Duas mulheres, Ignez e Maria Solomé, tiveram uma altercação e foram a vias de facto.

Foi uma simples questão, accommodada no mesmo instante.

Não houve o menor ferimento; alguns arranhões apenas de parte a parte.

Maria Salomé, continuou no seu giro á praça do mercado, todo dia até á noite.

No outro dia, porém, aconselhada por alguém, metteu-se na cama, mandou applicar sangue-sugas no corpo, e inventou que estava gravemente espancada!

Não admira que a *spirituosa* cabeça de Salomé tivesse tino para tal astucia, o que pasma é que sem provas se formulasse um processo por crime inaffiançavel!

Ahi está o Sr. Bittencourt, digno supplente de subdelegado do Pilar, á presença de quem foram as rixosas e que não achando motivo de culpa, contentou-se em admoestall-as para que não continuassem a brigar. Elle que diga se viu alguma lesão ou ferimento.

Porém isso ainda não é tudo.

Que quem brigou fosse processada, va; mas que se envolva na rede desse monstruoso processo a quem não tomou a menor parte no barulho, é cousa de pascar.

Entretanto é o que se dá! Processa-se a quem nem no logar se achava na hora do conflicto.

Resta agora esperar pela decisão da opinião publica,

CHAPA POPULAR PARA DEPUTADOS PROVINCIAES PELA CAPITAL.

- 1 José Calisto de Oliveira.
- 2 João Antonio Pestana.
- 3 Pedro dos Martyres Rocha Genebra.
- 4 Francisco Baptista Correia.
- 5 Dr. Francisco de Azevedo Monteiro.
- 6 Augusto Fabio Rangel.

VARIEDADES

ADVINHAÇÃO.

Uma mãe teve uma filha,
Essa filha não nasceu;
Sendo filha, não tem mãe,
E sua mãe não morreu.

Vivem juntas, bem que ausentes,
Ambas tem a mesma idade,
Mas a filha ficou velha
E a mãe está na mocidade.

Só comem quando tem sede,
Só bebem quando tem fome;
Uma é de um pólo, outra é d'outro,
Ambas tem o mesmo nome.
Quando uma ri, outra chora;
Quando uma dorme, outra vela.
Sem ter filho, a filha é mãe;

E sua mãe é donzella.

No verão a mãe tem frio,
No inverno a filha abrasa;
Mas a filha, quasi gelo,
Faz a mãe ficar em brasa.

Nasceram ambas n'um dia,
E, por nova maravilha,
Deve a filha ser a mãe,
A mãe deve ser a filha.

De uma carta por um amigo remetida á nós extrahimos a seguinte noticia mandada por um sapateiro d'esta cidade a um padre em Santo Amaro, com sua orthographia propria

Padre V. não deche de vir depressa pra aproveitar a maré de se imbecá im alguma muxiba de vigaro, tem havido muitas vargulas tem merrido mais vigaros di que caxorros na rua, a friguizia da Conceção da Caxuera já tem cinco pretendentes provados; e tambem a friguizia de Maragogipi esta vazia mais o povo anda dizendo que só quem hadi metê o naris lá hade se padi gordo pur que mago não tem toicinho pa lingua; voce non se esqueça rescorde a cartia de meste Joze pra sabé fala na dutrina, e vê pia a istolia, qui eu logo a proveto di mi incaxá di saneristão, i eu já sei ajudá missa o qui mi farta só he raspá a cabeça e fazê batina. Venha dipresa antes qui o fio de Sinha Xiquinha xegue: o testo pra si fazê o iuzame mi dixerão qui he—Di nico vobis, peccatis meis contre me dicentis—

Seo Amigo e patriço

Mané Piaba.

— Cousta que o padre respondera:

Mané nestes dias até o meiado do mez não posso ir porque a Janinha está para ter o seu bom successo, e eu não sei como hade ser isto por que a Sussù que era sempre quem partejava está em S. Felix com uma perna quebrada.

OBJECTOS DE LUXO NA BAHIA.

- O sino da cadeia.
- O cruzeiro de S. Francisco.
- A casa da moeda.
- O forte da Lagartixa.
- O canal da Jequitaiá.
- A artilheria do forte da Barra.
- O relógio do convento de Santa Thereza.
- A torre de S. Pedro novo.
- A capella-mor de S. Bento.

OS COMPADRES E O BURRO.

—O' compadre, venho pedir-lhe um favor. E' emprestar-me o seu burro para ir ver as eiras, porque o meu estámanco ha tres dias.

—Compadre, sinto muito não poder servir-o, pois meu sogro levou o burro esta manhan. (Ouve-se dentro zurrar o animal.)

—Seja franco; o burro está no corte, porque o ouço zurrar, compadre.

—O que eu estranho, compadre, é que de mais credito á palavra do burro do que á minha. E' por isso que lh'o não empresto.

FOI BEM FEITA.

Um padre, rico e avarento, não sabendo onde guardaria com segurança seu dinheiro, escondeu-o em um logar da sacristia e escreveu em cima:—*Dominus est in ipso loco* (o Senhor está neste logar.) Um outro tirou d'ahi o thesouro, deixando a inscripção seguinte: *Surrexit, non est hic.* (Ressussitou; já não está aqui.)

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 6.^a folha de ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS.

IMPERIAL SOCIEDADE MONTE-PIO DOS ARTISTAS.

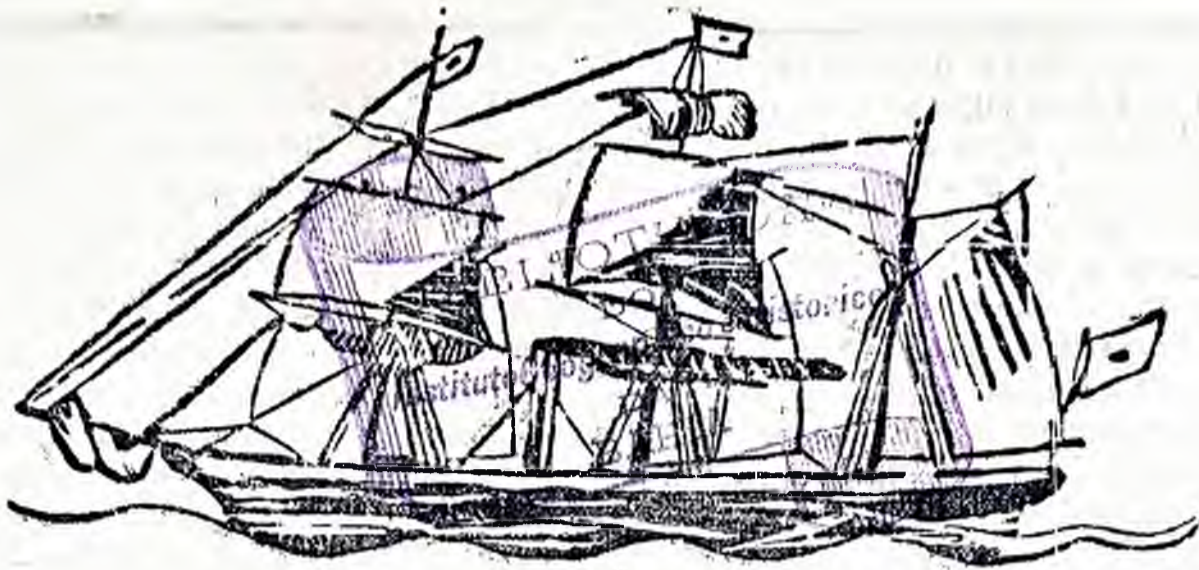
De ordem do actual conselho administrativo são convidados todos os Srs. socios effectivos para a reunião d'assembléa geral, na quarta-feira 24 do corrente, ás 6 horas da tarde, em vista de não ter comparecido numero sufficiente dos mesmos Srs. socios, no domingo 21, afim de poder ter logar a posse do novo conselho e da respectiva commissão de contas, o que se fará agora no dia acima designado com o numero que comparecer, além do de que se compõe o conselho, segundo a disposição dos estatutos. Bahia 22 de fevereiro de 1869.—A. R. de Sant'Anna, 1.^o secretario.

Sahin á luz a walsa SYMPATHIA e a mazurka JULIETA, por Francisco Santini, author da BORBOLETA.

Vende-se em casa do author, ladeira de S. Roque n. 9, á Barroquinha; na padaria do Sr. Conde, ao Rosorio; loja do Seixas, ao Pelourinho; e na Calçada, botica da esquina do becco do Godinho.

Acha-se em impressão a TOMADA DE VILLETA, grande galope.

O padre João Cancio de Andrade, authorisado pelo conselho de instrucção publica, offerece-se para ensinar as linguas latina e franceza, em qualquer collegio, ou casa particular. Para tratar á rua da Preguica n.4, 2.^o andar.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 48.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

25 DE FEVEREIRO DE 1869.

N. 474.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
24 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, comunicando-lhe que, tendo-se dado o facto de ter sido encontrado no Caes Dourado um preto do Sr. Moreno atrozmente espancado, bem como os instrumentos do supplicio, ficou isso *abafado* no silencio, até hoje, pelo que pede-se a S. S. que se digne dar providencias para que proceda a accção da justiça sobre o author de tanta crueldade.

—Ao Illm. Sr. inspector d'alfandega, participando-lhe que nos informam, de que em um navio, á carga para Montevideu, ha grande porção de assucar sem despacho; assucar esse, que tem sido ultimamente roubado em diversos trapiches, e cujos trapicheiros não se tem queixado, por estarem incursos na pena de contravenção, por depositarem o genero nas pontes, o que é prohibido pela pauta dessa repartição, preferindo elles antes soffrer o prejuizo do que pagar a multa e sujeitarem-se ao respectivo balanço. Para que não se leve a effeito a mencionada fraude com grave lesão das rendas publicas, leva se ao conhecimento de S. S., para que mande empregar toda vigilancia, afim de descobrir-se si realmente existe, em algum dos navios surtos no porto, assucar embarcado sem as formalidades legaes.

—Ao Illm. Sr. administrador da casa de prisão com trabalho, para que informe sobre o seguinte:

Si é exacto que em uma noite da semana passada, ás 9 horas, teve um forte ataque o preso Militão da Rocha Pitta, e, bradando por soccorro todos os presos, a ponto de, para chamarem attenção, tocarem apitos e fazerem grande bulha no soalho, ninguem appareceu, sinão á uma hora o 2.º enfermeiro;

Si é exacto que nem S. S., nem o seu ajudante dorme no estabelecimento;

Si é exacto que a comida dos presos é pessima e diminuta, e que o cosinheiro venderações á aquelles que querem comer mais;

Si é exacto que nem vassoura ha para se varrer a casa;

Si é exacto que os presos que vão para o hospital de charidade, quando voltam, não encontram o que lhes pertence;

Si é exacto que ha pouco, recitando o medico agoa sedativa para um doente ás 9 horas do dia, só ás 5 da tarde foi satisfeito;

Si é exacto que, quando S. S. ahi vae, se demora ao muito duas horas, tempo em que come o seu cavallo;

Si é exacto que no tratamento e plantação de capim para o mesmo (cavallo), occupa S. S. diariamente quatro presos.

Tudo isso é apregoado pela voz publica, e para desfazer semelhantes increpações, que podem ser infundadas, cumpre que S. S. esclareça com urgencia á respeito.

—Ao Illm. Sr. Dr. delegado do 1.º dis-

tricto, ponderando-lhe que não sendo licito nas casas do bilhar jogar se o vispora e mais jogos prohibidos, sirva-se S. S. de acabar com a esperteza de um sujeito, que só visa o interesse do seu eu, e o genio tem de um industrioso, que anda a arranjar-se nas costas dos incautos, attenta a ministra de que usa o sobredito cujo estabelecendo um bilhar para com este pé ter toda especie de jogos, aos quaes concorrem muitos filhos-familia, que muitas vezes sahem d'ali pela manha ao despontar a *Estrella do Oriente*.

— Ao mesmo, insistindo na reclamação a respeito de duas casas de jogo, estabelecidas nas lojas da casa onde foi directoria dos estudos, á vista das desordens que continuam a se dar ali todas as noites.

«— Esmolla para um voluntario da patria, pelo amor de Deus.»

— Tome, meu amigo; que V. é um espelho da miseria desta terra! Um voluntario da patria esmolando de porta em porta!

— Conhece este homem?

— Pois não.

Chama-se João Carlos de Souza França, embarcou desta cidade no batalhão do finado tenente coronel Mundim Pestana. Combateu nos dias 18 e 24 de maio e foi baleado na perna direita. A baixa, de que elle se accompanha para esmollar, reza tudo isso.

— Vergonha eterna para ti, paiz ingrato, que tão mal pagas os serviços dedicados de teus filhos!

Maldição, sobre ti, terra madrasta!

— Recaia-toda ella sobre esse governo desumano que galardoa o crime, recompensa o vicio e se esquece dos que servem com abnegação e desinteresse.

— Que desgraça, meu Deus!

— Entretanto, este homem, que o Sr. vê, não é um miseravel.

E' natural do Rio de Janeiro, e sobrinho do finado conselheiro Manuel José de Souza França, presidente que foi daquella provincia; é herdeiro de uma fortuna, de mais de vinte contos, que seu tutor, João Mauricio Belem, desfruta em Nictherohy, não sei a que pretexto.

— Ao passo que elle aqui, para comer, pede pelas portas um pedaço de pão!

— Veja como são as contrariedades deste mundo!

— Ha cousas, que só com uma mão de ferro!

— Rapaz, socegue.

— Olhe que ha gente capaz de tudo!

— O que foi?

— Pois um tal Antonio, que tem balda de dar coques nos meninos, não teve a protervia de seduzir uma menina nos Coqueiros, aute-hontem, pela madrugada, leval-a para a Estrada das Boiadas, passar o dia com ella no matto e abandonal-a, sem saber caminho nem carreira?

— Que malvado!

— Que merece um monstro destes?

— Não me pergunte; espere para ver o que faz o subdelegado do Pilar.

— E' bem lembrada esta!

— Qual?

— Ha por exemplo incendio em uma casa, vae-se ao sineiro para tocar fogo e elle diz que tal não faz, sem ordem do subdelegado!

— Em parte é razoavel.

— Ora, em parte! E' preciso saber si esta parte compensa o estrago que fará um incendio que podia ser atalhado em principio, reclamando promptas providencias com o toque do sino.

— V. sabe? As cousas de dizer, são faccis, e executar é que é ellas.

LA VAE VERSO

Vê-se homens nesta terra,
Noite e dia pelas ruas,
Cuidando da vida alheia
Sem repararem p'ra suas.

Vê-se andar imposturando
Vil charlatão sem criterio,
Fazendo de cousas futeis
O mais terrivel mysterio.

Vê-se o damnado agiota
Da viuva extorquindo
Tenue, mingoado recurso,
E dá desgraça sorrindo.

O sabido pharmaceutico,
Que com duas cascas d'alho
Empinge gatos por lebre,
E cebola por bugalho.

Vê-se astututo jogador,
No jogo, com tal audacia
Enganando aos inexpertos,
Com maldade e perspicacia.

Vê-se tambem mui lampreiro,
Da mais pervertida seita,
Um homem vil, um frascario,
Que a muitos a perder deita!

Vê-se outro, trapasseiro,
Com cara de Peixe-Gallo,
Em fomentar mil enredos,

Consiste o seu mór regallo,
 Eis que chega a certa casa,
 Um caixeiro de cobrança,
 Levado por um melcorio
 Com quem travou alliança.

Para o joguinho do monte,
 Stão as cartas preparando,
 Dahi a pouco o caixeiro
 Está na mesa brincando.

Embebido no brinquedo,
 Fica de todo esquecido,
 E de dar contas de si
 Não se lembra; irreflectido!

Torra o seu e o do amo
 Engolfado no vulcão
 E quando não tem remédio
 Conhece seu erro então.

Brada o louco: «o que fiz eu?
 Perdeu-me o maldicto jogo!»
 Reflectindo no descredito
 A lhe queimar como fogo.

E da casa do patrão
 Eis o rapaz empinado,
 Soffrendo o amo um bom logro
 E elle desacreditado.

A policia bem podia
 Estes achaques curar,
 Si um pouco mais vigilante
 Si quizesse ella mostrar.

Mas a tal Sra. Dona
 E' bastante preguiçosa!
 So se move lentamente,
 Se arrastando vagarosa!

Á PEDIDO

—A moralidade publica reclama de S. Ex. o Sr. presidente da provincia o desagravo de um insulto atirado á face da sociedade, a desaffronta de um desacato ao pudor das familias.

Um empregado da provincia, da *confiança* de S. Ex., pretendeu, um dia destes, subtrahir do poder de uma honrada familia uma menina, para fins torpes, usando para isso de vis e reprovados subterfugios, com o que logrou levar a victima até o covil onde tencionava perpetrar a acção selvagem, o que, si se frustrou, foi por um desses accasos providenciaes.

S. Ex. tambem é pae de familia, e por tanto lance os olhos para isso.

O ajudante.

—V., que ja foi outr'ora,
 Em Guimarães barateiro,

Do rebanho de Cupido
 Quer arvorar-se em vaqueiro?
 Que rapaz! Como é gaiato!
 Na materia é muito fino?
 Quer agora se encaixar
 Em certa torre sem sino.

Mas a torre está viuva,
 Pois que o sino lhe tiraram;
 Coitadinha! não dá horas
 Que o badallo arrebutaram.

V. quer subir na torre?
 Eu sei o que vae fazer:
 Vae dar beijos no retrato
 Onde não lhe possam ver.

Faz bem. Acho até prudente
 Que seja mais recatado;
 Não beije mais o retrato
 Em um balcão recostado.

Muito embora V. diga,
 Quando em fervor acceso,
 Que a prenda lhe foi as mãos
 Por um fámulo do teso.

Quer ouvir? De uma roseira
 Do Caes do Prata no cume,
 Cujas rosas bem, que marchas
 Ainda exhalam perfume;

Va respirar a fragancia,
 Tomar fresco na cachola,
 Do contrario, nesse andar,
 V. transtorna da bola.

(Continúa.)

—Quem conhece o ladrão e não se livra d'elle é porque quer ser roubado.

—E' claro como a luz do dia.

—Nesse caso estão os homens da V. O. das Tres PESSOAS.

Sabem que tal é a boa chita do lezador e conservam esse refinado tratante, que, para entrar para ali, foi sob condicção de entregar as duas jarras que tinha surripido.

—Mas não sabe que o sujeito é protegido por alguns irmãos, que se empenharam para la o encaixar?

—Ah! é então por isso.

Quem receia um sapinho concho?

Pequeno réptil que se esmaga com a ponta da bolla, como ao mais asqueroso persevejo! Ameaças o que valem, estupidadarrão? Ora bolas! Esse biltre tem cousas!

—Sr. Guimarães, quem era aquelle sujeito que andou na sexta-feira de Passos correndo todas as ruas da cidade enfronhado em uma capa?

—Não era um que andava pelas casas das meretrizes, e que esteve em casa de uma *pas-tora* de Jerusalem nas Portas do Carmo?

—E' esse mesmo.

—E' um logista que se diz *barateiro*, vendendo mais caro que os outros.

—Será um que tem loja no *corpo santificado*?

—Vá por ahi.

—Então já sei quem é. E' um gallego que tem barbas *por borra*, como dizem os capadocios.

—As pessoas, que moram e negociam no Caes Novo, são testemunhas de que na questão que houve entre Maria Salomé e Ignez, não tomaram a minima parte Lucrecia e Euphrasia. A primeira destas, nem se achava na hora do conflicto e a segunda apenas accommodou. Entretanto, são ellas involvidas n'um processo e perseguidas tenazmente, talvez para cevar odios de alguém, que induziu Maria Salomé a incluir na queixa que deu contra Ignez, os nomes das duas, que nem de leve se involveram na contenda.

Os espiritos desapaixonados veem que em todo este tecido, so houve um fim unico—o de tirar vingança mesquinha, a muito tempo entranhada.

—Sr. Moureirinha, o que fez daquelles dez saccos de pó sacharino apprehendidos pelo seu guarda a 23 do passado?

—Como eram para o Paiva, deixei passar; mandei-os entregar.

—Excellent! De sorte que o senhor só tinha acção, como authoridade, para aquelles que não eram do peito!

Aos dignos Srs. Dr. delegado e subdelegado do Pilar, pede se que não deem ouvidos ás fallacias de um industrial, que se queixa de ter sido illudido em uma casa em S. Francisco de Paula.

Esse individuo, costumava, quando vinha á cidade á ir á dita casa divertir-se com outros, jogando o solo, o écarté, a ronda, o monte, etc., e, assim como perdia, ganhava tambem.

Ultimamente, perdeu em um dia 200\$ rs. entre diversas pessoas e sahiu pacificamente.

No outro dia, porem, teve a baixeza de ir queixar-se á authoridade que tinha sido roubado!

S. S. o S. subdelegado do Pilar apresentou-se na dita casa ás 5 horas da manhã, correu-a, e permitta S. S. que daqui lhe observemos, que foi um pouco excessivo, pela maneira severa com que portou-se.

Que criterio pode merecer o individuo que vae denunciar de si a authoridade aquillo que os mais procuram occultar?

Ss. Ss. devem attender que o fim que levou a esse individuo á dita casa foi o desejo de ganhar, e portanto não tem direito de queixar-se.

Todos os que vão jogar é na esperança de apossar-se do alheio e não se devem queixar da adversidade da sorte.

A' vista do que fica dito, pede-se a Ss. Ss. que despeçam esse importuno que lhes vae roubar o tempo, e elle que use de seu direito dando a competente queixa contra aquelles por quem se diz estar lesado.

A razão.

—Quanto povo apinhado!

Que logar é este?

—A ladeira dos *pés de gamellas*.

—Mas o que é isto?

—Negocio de um desfloramento.

—Como andam quentes!

—Um, Sr. com *ares tidos* por *mansos*, mas lascivo como um *mouro*, que, encontrando na camara a cunhada, desfloreu-a.

—Quanto cynismo!

—E depois, dizem que para não se divulgar, prenderam a menina em um quarto incommunicavel.

—Pare ahi. Isso é um escandalo á moral.

—Mas não é segredo, porque o caso já anda pela subdelegacia do *Chaveiro do Ceu*.

—Luiza de Lignerolle. —Sob este titulo subirá a scena no sabbado 27 do corrente mez, o drama em 5 actos traducção do Sr. Mendes Leal (Antonio,) em beneficio do eximio artista dramatico, o Sr. Antonio Augusto Xavier de Macedo, o qual desempenhará o papel de Henrique de Lignerolle e sua consorte D. Antonia Joaquina de Macedo, o de Luiza de Lignerolle.

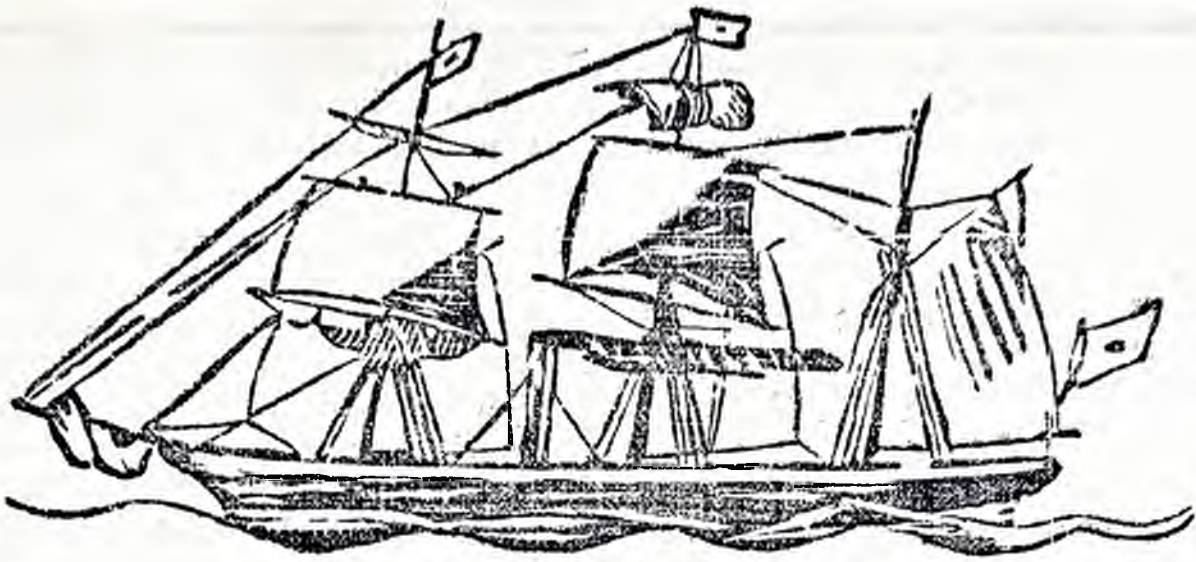
E' pois de esperar do illustrado publico desta cidade geral concurrencia, para tão sublime espetaculo.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 7.^a e 8.^a folha do RO-CAMBOLE.

ANNUNCIOS.

Na loja de trastes, á rua da Preguiça n. 53, de Pedro Joaquim da Costa, contrata se alguns pretos para o serviço de forno de cal, preferindo-se captivos.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Serie 48.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

27 DE FEVEREIRO DE 1869.

N. 475.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
26 de fevereiro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Con-
ceição da Praia, de novo chamando sua at-
tenção para o 1.º andar do sobrado n. 40, a
rua da Preguiça, onde ha permanente ajunta-
mento de africanos escravos, que muito per-
turbam o silencio á noite, com cantarolas e
danças.

—A Bahia está perdida! Está mil vezes
peior que Latronopolis!

As igrejas ja servem para escondrijo de
roubos!

—Quem é que lhe contou isso?

—Pois não soube que hontem ás 4 horas
da tarde, apprehendeu-se na igreja do Hos-
picio uma porção de saccas de assucar que
estavam ali agasalhadas?

—Até agora, não.

—Misericordia! Uma cousa tão publica;
que ajuntou tanto povo!

—Ignorava.

—Sua policia anda atrazada.

A melgueira descobriu-se na occasião em
que sahiam 18 saccas para a rua. Encon-
traram-se saccas de diversas marcas.

—Está claro que descobriu-se o ladrão.

—E' provavel; mais ja se falla que a bal-
burdia dos empenhos é tanta, que ha de aba-
far tudo,

—Tambem não creia nisso.

—Eu sei, eim! *Aquella cousa* costuma sem-
pre quebrar no c...ostado do fraco.

—Esta cidade vive deserta como um cemi-
terio, a respeito de policia!

Os ladrões fazem o que querem!

Roubam á qualquer hora sem o menor
embaraço!

—Isso é alguma que ja fizeram, que V.
quer dar noticia,

—Como de facto,

Na quinta feira, amanheceu arrombada a
loja de alfaiate do Sr. João, por baixo da casa
onde foi directoria dos Estudos, á Estrada
Nova.

—Mas ali ha duas casas onde se joga até
amanhecer.

—Disso é que eu me admiro.

Entrando gente e sahindo a toda hora, os
ladrões poderam abrir a porta e levar o que
lhes fez conta sem serem presentidos.

—O que diz a isto, meu rico?

—E' uma arbitrariedade á Lopez.

—Não lhe pareça!

—Ainda queria mais?

Um rapaziinho, um menino, conduz dois ca-
vallos carregados de carvão. Chega a praça
de palacio, onde assiste o presidente, onde
está a camara, a relação, o foro etc., e um
guarda de Brotas o prende, sóbe com elle
ao commando superior e dali o conduz ao

quartel da Palma com cavallos, carvão: o tudo; o que é isso então?

Onde depositará o seu genero? Quem responderá por seus animaes?

—E sabe Deus, si a mãe e os irmãosinhos não estão com os olhos no caminho, á espera que elle leve o producto de seu trabalho, para matarem a fome!

—E vivam as instituições livres deste paiz livre!

—Si nesta casa se tira dentes sem dor, como é que todos os dias ouvem-se ahi gritos desesperados, lamentações pungentes?

—Eu sei lá!

—Ora, que qualquer biltre ha de vir para aqui bigodear com este povo de basbaques!

—O viver não é nada, o saber é que é a coisa.

—Apresenta-se um especulador, cheio de palanfrorios, os papalvos affluem e o cujo vae limpamente empalmando os cobres e depois safa-se rindo de tanta simplicidade.

—Ora sebo!

—Hontem houve um *ruge-ruge* no arsenal de guerra.

—Que me diz?

—E' isso.

—Mas então?

—O ajudante teve uma contenda com um tal Caldas, e ameaçou-o de metter-lhe a bengala pela bocca.

—Óla! O homem sempre mostra que é militar!

—E valentão!

Mas então, aquillo lá anda assim?

—Assim como?

—Em ares de *viva quem pode*.

—Sr. me deixe! Vm. gosta de bisbilhotar muito!

—Eu pergunto, por que sei como é severo o director e não ha de consentir que na sua repartição se jogue esgrima!

—Era bem bom, que o director, atarefado na *grande obra* de regenerar o arsenal de guerra, tivesse tempo para prever disputas entre seus subalternos!

—Como me constou que elle outro dia, só por desconfiar da fidelidade de alguns empregados, constituiu um tribunal de indagações, a que presidiu, arvorando o José Jorge em auditor, por isso é que digo.

—Eu não sei disto não.

Olhe que as más linguas dizem consas!

Eu o que ouvi dizer foi que, despedindo a dous empregados, mandou lancar a seguinte nota—*para moralidade da repartição*.

—Nem eu sou capaz de affirmar que o Sr.

Paranhos desse tal desfructe, porque sei que rectidão, zelo, observancia da lei, intelligencia, probidade, tino administrativo tem elle a abarrotar.

—O fetido que exhala o gaz desde o Pilar até o gazometro, é horrivel, insuportavel, sufocantel

—E' proveniente de despejarem as safras, para a rua em logar de eucanarem-as para o mar.

—Mas a companhia não soffre uma multa?

—Que ha uma multa para isso eu sei; mas queja se a fizesse effectiva não me consta.

—E nesse deleixo-vacuido desta terra!

—E o poxo pagando as favas.

—Hontem uma das diligencias do Bomfim ia dando com todos os passageiros que vinham em cima, de cabeça nas pedras.

—Mas como foi isso?

O boleiro veio por cima do logar em que estão assentando os trilhos, o qual está mais alto, porque ainda não altearam o resto da rua, e vinha tão descuidado que a diligencia deu com a roda embaixo, ficando virada de um lado. Por milagre do Senhor do Bonfim um dos passageiros que vinha em cima não esmigalhou a cabeça nas pedras!

Si elle não é tão ligeiro no pulo, estava morto.

—Todos os dias a imprensa clama sobre a falta de cuidado dos boleiros e nada de apparecer providencias.

—Valha-nos Deus com estas cousas!

—Que barulho é aquelle no Terreiro de Jesus.

—Quanta gente!

—Tem gente por borra.

—O que será aquillo?

—Vamos syndicar.

—Quem é aquelle sujeito que está sem botinas e sem palitot a pular para traz como cabrito, querendo dar cabeçadas?

—E' o celebre Marcos Rabeca, que está sendo escovado pelo Joãozinho.

—E o que deu motivo a este barulho?

—Marcos Rabeca passava pela rua Direita do Collegio e levou uma pateada de uns estudantes; elle cavaqueou e ameaçou os estudantes com pedradas; mas Joãozinho, que vinha ahi, disse-lhe que não fosse tolo, pois que a esta gente não se responde.

Marcos tomou esta palavra de tolo por um insulto e desafiou o outro para o Terreiro, e estão decidindo.

—Logo para o Terreiro, logar proprio dos

moleques, foi que elle escolheu para brigar com o outro!

—Mas o caso é que elle em lugar de sovar, está sendo sovado pelo outro.

—E' isto o que se chama vir buscar lau o sahir tosqueado.

Ao Joãozinho escovar,
O Marcos sempre pensou;
Mas por fim o Joãozinho,
Foi que ao cujo esfregou.

Á PEDIDO

O canto daquella pomba
Nos matos, conta a dor
Que soffre certo correio
Que leva as cartas de amor:
Si das garras de um abutre
Um gavião a roubou,
Coitada da avesinha!
De sorte não melhorou.

N'esse desterro em que vive
Sujeita ás garras da harpia
Nem se quer pode gozar
A luz que acena do dia.

—Capitão, no tempo da fabula, houve um menor que era pastor.

O tal pastor era dotado de uma certa exquêsitice: não levava seu rebanho a pastar pelas campinas; conduzia-o para as areias, ao pé dos penhascos.

Quando sahia, levava sua frauta, instrumento da forma do que hoje chama-se requinta.

Um dia, distrahido, foi mais longe do costumado, e deu n'um sitio onde havia muitos bandos de lindos papagaios.

O pastor, encantado a vista da immensa legião de aves multi-córes, puxou da sua frauta e tocou uma balada saudosa:

Um filho de Saturno, que por isso chama-se Saturnino, andava desterrado por alli, e ficou apaixonadissimo pelos sons melodiosos que arrancava o pastor de sua frauta.

O pastor achou ameno o logar, e voltava sempre.

Saturnino, dias e dias passava alli a ouvir as notas que desprendiam-se da frauta do pastor.

Houve um dia em que o espirito mau baixou á terra em forma de corvo, e foi pousar no tecto de uma casa dedicada á colheita da uva e que hoje denominamos alambique.

Sabe V. Ex. que o espirito maligno é incansavel na obra da maldade.

Transformou Saturnino n'um monstro deforme: pés de cabra, orelhas de burro, gar-

ras de leão, cabeça de hydra, rabo de sendeiro, e deu-lhe a propriedade de carnívoro.

Saturnino devorou immediatamente o pastor.

Quando tornou a si, penalizou-se em extremo do que tinha feito.

A metempsychose, porem, tinha produzido seu effeito. O espirito do pastor reencarnara no corpo d'um joven musico do armazem militar da cidade onde isso se passou.

Sucedeu que o director do armazem fosse ás festas de Baccho e levasse a passcio sua musica até o sitio dos papagaios.

Saturnino, reconheceu immediatamente o espirito do pastor.

Mas as cousas tinham mudado, não podia ouvir todos os dias as melodias do menor, que tão agradável lhes eram por que este era sujeito á regra militar.

Dominado por ardente paixão, empregou esforços, commetteu excessos, para ouvir-o a miudo.

O director, complacente, concedeu muitas vezes, que o transformado pastor fosse satisfazer Saturnino, mas elle não ficava satisfeito.

Andava louco, hallucinado pelas harmonias da frauta do menor e queria tel-o perto e bem perto.

Até que enfim descobriu o meio de completar seus desejos.

Naquelle tempo havia falta de bicos de passarinhos.

Deu ao governo de Jupiter seiscentos bicos pela baixa do menor musico, e alcançou-a.

E aqui termino a minha historia.

—Mas não me dirá quem lhe encomendou este sermão?

—Ninguem.

—E a moralidade da historia?

—Fica ao arbitrio de cada um tiral-a como quizer.

—Está direito! Prega V. uma horrenda massada, sem principio nem fim e fica muito lampreiro.

MOTTE.

Quem parte, parte chorando,
Quem fica, fica contente.

GLOSA

Quem come, fica arrotando,
Quem bebe, fica muafio;
Quem stá podre, tem mau bafio,
Quem parte, parte chorando.
Vivem os frades rezando;
Chouriça, e comida quente,
Amor, faz cahir o dento,
Da beliscões, faz intriga,
Depois de encher a barriga,
Quem fica, fica contente.

—Capitão, ca está um desalmado esposo, um próximo sem charidade, um pessimo cidadão.

—D'onde trouxe esse frascario?

—Peguei o birbante junto a uns *pés de co-co*; na loja que faz *um quarteirão* de casas.

Este malvado maltrata cruelmente a infeliz, que teve a má sina de unir-se a elle.

Espanca-a sem dó, injuria-a com palavras infamantes e teve a crueldade de cortar-lhe os cabellos.

—Que mono!

—Ultimamente, como visse que a soffredora senhora supportava tudo com paciencia evangelica, para desesperal-a, preparou um quarto ao pé da estrebaria, encoston o leito a manjedoura, e deu-o a malfadada para seu dormitorio.

—Que coração depravado!

Muxingueiro, vae fazer o acceio da cloaca com a cara deste bruto, para ver se elle se corrige de seu mau comportamento.

—Então, meu bolas, com que a vida corre-lhe suavemente, não?

Seguro a duas amarras, não tem medo de sossobrar.

Taverna de *enxutos e humidos* e ao mesmo tempo trabalhando nos latões!

—Com o favor de Deus!

—Mas ha quem diga que V. não se contenta com isso só.

—E o mais o que, Sr.?

—Dizem que V. pertence á companhia da pilhagem.

—Ah, Sr., si em tal cousa eu já pensei, queira Deus que veja arder o fogo em baixo d'agoa.

—Ah tratante! Quer me illudir com juramentos hyperbolicos?

De quem foram as 4 saccas de assucar que entraram na taberna da rua dos *Taxeiros* e que desembocaram por *este vão*.

E aquellas 11 que foram recolhidas no trapiche do teu amigo a uns desoito dias?

Muxingueiro, agarra esta asemola, corta-lhe as suissas, que bem podem servir para coivara e depois passa-lhe uma untura de breu e agoa-raz na lata sem vergonha, acompanhando esta operação de 250 calabrotadas.

Ao subdelegado commendador da cidade das Cobertas, offereço este pedacinho transcripto.

«O homem que frequentes vezes se inculca por honrado e probó, dá justos motivos de suspeitar-se que não é tal ou tanto como se recommenda.»

No mais, desculpe o seu amigo e admirador,

O Caturra.

PUBLICAÇÃO DRAMÁTICA.

Brevemente vae ser publicada uma comedia em tres actos, intitulada—

O PAR-DE-ARANHAS

OU O FALASTRÃO DEMASIADO

Recchem-se assignaturas no becco dos Bambús. ou em casa da *Oncá agaloada*.

Preço de cada exemplar 500 rs.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje a 9.^a folha do ROCAMBOLE.

VARIÉDADES

QUAL FOI O ROUBADO?

Um desconhecido apresenta-se em umz botica e faz preparar uma receita. Paga com uma moeda de cinco tostões e outra de pataca. Apenas partiu, viu o praticante que a moeda de cinco tostões era falsa. Corre atraz do comprador, e não o apanha. Volta para a pharmacia e conta ao patrão o que se passára. Depois do primeiro momento de zanga, diz-lhe:

—Mas o pataco é bom?

—Sim, senhor.

—Está certo disso?

—Certissimo.

—Ora! diz então o patrão com uma negligencia heroica, ainda nos dá um vintem de ganho.

LOGICA DE ALFAIATE.

—Diz um sapateiro a um alfaiate:

—Sabes porque chlam tanto as botas áquelle sujeito?

—Porque?

Porque ainda m'as não pagou.

—Homem, isso não é razão porque nesse caso tambem o casaco havia de chiar.

INGENUIDADE.

—Uma jovem, vendo um homem a tomar banho em trajes de Adão, disse-lhe.

—Homem, cubra-se!

Elle com galanteria respondeu:

—Um cavalheiro deve estar sempre descoberto diante de uma dama.